

DANIELA ARNS SILVEIRA MONTEIRO

**O GÊNERO COMENTÁRIO: ANÁLISE SÓCIO-RETÓRICA DE EXEMPLARES
PUBLICADOS NOS JORNAIS DIÁRIO CATARINENSE E FOLHA DE S. PAULO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Adair Bonini

Tubarão
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DANIELA ARNS SILVEIRA MONTEIRO

**O GÊNERO COMENTÁRIO: ANÁLISE SÓCIO-RETÓRICA DE EXEMPLARES
PUBLICADOS NOS JORNAIS DIÁRIO CATARINENSE E FOLHA DE S. PAULO**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 20 de junho de 2008.

Prof. e orientador Adair Bonini, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Gisele de Carvalho, Dra.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Maria Ester Moritz, Dra.
Universidade do Sul de Santa Catarina

*Dedico este trabalho aos meus pais e aos meus
irmãos, os quais sempre me apoiaram e
incentivaram.*

AGRADECIMENTO

Agradeço a uma força superior que me acompanha em cada desafio a ser vencido. Aos colegas de Mestrado, que sempre foram fonte de inspiração e os quais representam grandes amigos. E, finalmente, agradeço ao corpo docente do curso, com o qual tive oportunidade de conviver e muito aprender; em especial, a meu orientador, Professor Dr. Adair Bonini, com quem travei interessantes conversas, de intenso aprendizado.

“Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?”

(Carlos Drummond de Andrade).

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto o gênero comentário jornalístico. A perspectiva teórica adotada é a da sócio-retórica, que concebe o gênero textual como uma forma de ação social. Foi estudado um *corpus* de 42 exemplares do comentário, sendo 18 textos extraídos do jornal Diário Catarinense e 24 da Folha de S. Paulo, em edições que circularam entre os dias 7 e 13 de maio de 2007. A metodologia empregada baseou-se na análise de movimentos retóricos conforme proposta por Swales (1990), nos procedimentos apontados por Pare e Smart (1994) e em diretrizes elaboradas por Bonini (2004b). Os exemplares do gênero foram analisados comparativamente entre si e em termos de seu papel como componente do jornal. Foram objetivos da pesquisa: a) determinar a organização retórica do gênero comentário; b) determinar aspectos da relação entre o comentário e o papel social do comentarista; e c) levantar a ocorrência do gênero dentro dos jornais Diário Catarinense e Folha de S. Paulo, observando as peculiaridades dessa ocorrência nos cadernos e seções desses jornais. Os principais resultados apontam para: a) uma organização do gênero em nove movimentos retóricos; b) um papel social do comentarista restrito a determinadas áreas sociais e um estilo de escrita que fica a um meio termo entre o formal e o informal; e c) uma delimitação do espaço da discussão de assuntos, alvo dos comentários, dentro dos jornais.

Palavras-chave: gênero textual, comentário jornalístico, jornal, análise retórica.

ABSTRACT

The object of this research was the genre “journalistic commentary”. The theoretical perspective applied to the analysis is the new rhetoric, which understands the genre as a type of social action. It was studied a *corpus* composed of 42 exemplars of commentaries, consisting of 18 texts published in the newspaper “Diario Catarinense” and 24 texts published in the “Folha de S. Paulo”, in issues that circulated during the period of May 7th to 13th, 2007. The applied methodology was based on the analysis of rhetorical moves as proposed by Swales (1990), on the procedures pointed out by Pare and Smart (1994) and on the guidelines elaborated by Bonini (2004b). The exemplars of the genre were analyzed comparatively among each other and in terms of their role as a component of the newspaper. The objectives of the research were: a) to determine the rhetorical organization of the genre “commentary”; b) to determine aspects of the relation between the commentary and the social role of the commentator; and c) to sum up the occurrences of the genre in the newspapers “Diário Catarinense” and “Folha de S. Paulo”, observing the distinctive features of that occurrence in the supplements and sections of these newspapers. The main results lead to: a) an organization of the genre in nine rhetorical moves; b) a social role of the commentator that is limited to determined social areas and a style of writing that is neither formal nor informal; and c) a delimitation of the space of the discussion of issues targeted by the commentaries in the newspapers.

Key words: genre, journalistic commentary, newspaper, rhetorical analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: modelo CARS para introduções de artigos de pesquisa.....	18
FIGURA 2: gêneros jornalísticos.....	20

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: exemplar de gênero comentário.....	32
Quadro 2: percentual dos movimentos em cada grupo de textos do gênero	35
Quadro 3: exemplar de gênero comentário	39
Quadro 4: exemplar de gênero comentário	40
Quadro 5: temas abordados pelos comentaristas da Folha de S. Paulo e do Diário Catari- nense	43
Quadro 6: tabela de comentários durante a semana do jornal Diário Catarinense	48
Quadro 7: tabela de comentários durante a semana do jornal Folha de S. Paulo	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 PERSPECTIVA SÓCIO-RETÓRICA DE ANÁLISE DE GÊNERO	12
2.2 A PROPOSTA SÓCIO-RETÓRICA DE JOHN M. SWALES	14
2.3 GÊNEROS JORNALÍSTICOS	19
2.3.1 Os gêneros de opinião no jornalismo	22
2.3.2 O comentário como gênero jornalístico	24
3 METODOLOGIA	28
3.1 TIPO DE ESTUDO	28
3.2 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	29
3.3 MÉTODO DE ANÁLISE	29
4 ANÁLISE DOS DADOS	31
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA COMPOSICIONAL DO GÊNERO	31
4.2 O GÊNERO COMENTÁRIO E ASPECTOS DO PAPEL SOCIAL DO COMENTARISTA	42
4.3 O GÊNERO COMENTÁRIO COMO UM COMPONENTE DO JORNAL	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	56

1 INTRODUÇÃO

A preocupação em descrever, explicar, analisar e ensinar diferentes gêneros textuais tem se expandido pelo Brasil, desde meados da década de 90, o que se verifica pela presença frequente do conceito de gênero em trabalhos acadêmicos, congressos e simpósios.

De acordo com Marcuschi (2002, p. 19), “[...] os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. O autor ainda afirma que eles “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”. Essas afirmações têm relação bastante direta com a visão de gênero que embasa a presente pesquisa, a orientação sócio-retórica. Nessa perspectiva, o gênero corresponde a uma ação de linguagem (Miller, 1984) e, como tal, responde, na forma de um conhecimento entre sujeitos, a situações sociais recorrentes.

Na presente pesquisa tomou-se como objeto de análise o gênero comentário jornalístico, mais especificamente em sua ocorrência como texto do jornal. Este gênero tem sido apresentado por Melo (1985/2003) como um dos mais importantes no jornal. Entretanto, a literatura da área não é muito esclarecedora com relação às características do gênero, o que, sem dúvida, contribui para as incertezas e os questionamentos acerca deste, por exemplo: como caracteriza; como se apresenta no jornal; e qual é a relação entre o gênero seu produtor.

A pesquisa dos gêneros do jornal tem se mostrado relevante tanto em termos do conhecimento que produz sobre o discurso jornalístico, quanto em termos da contribuição que possibilita ao ensino de Língua Portuguesa. Os gêneros do jornal sempre tiveram importância na escola, mas essa dimensão se ampliou com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) na década passada (BRASIL, 1998). Nesse documento, os gêneros jornalísticos são apresentados como conteúdo relevante para o ensino da linguagem, motivo pelo qual o estudo de tais gêneros se revela necessário. Esse tipo de pesquisa produz subsídios tanto para a discussão das práticas de ensino quanto para a preparação das aulas no cotidiano escolar.

A pesquisa aqui proposta filia-se ao Projeto Gêneros do Jornal (PROJOR/UNISUL),¹ pois esse estudo do comentário jornalístico compõe uma peça do inventário de gêneros que esse projeto se propõe a desenvolver. Como tal, ela também utiliza a mesma base

¹ Projeto Gêneros do Jornal, que procura entender a sistemática de propósitos comunicativos e dispositivos textuais envolvidos na produção do jornal, tendo como objetivos: a) descrever a organização textual do jornal e sua função no meio em que é produzido; b) descrever o funcionamento dos gêneros na constituição do jornal; c) produzir um inventário dos gêneros do jornal; e d) descrever os gêneros do jornal.

teórica, a orientação sócio-retórica de análise de gêneros, principalmente tendo em conta a proposta teórica e metodológica sugerida por Swales (1990, 1992, 1998).

Na presente pesquisa analisou-se o gênero comentário a partir de sua distribuição no jornal. Por não ser um gênero muito estudado, houve certa dificuldade em encontrar pesquisas e textos acerca de sua construção, o que coloca obstáculos à pesquisa, mas também se revela como vantagem, à medida que há toda uma frente de discussões em aberto.

Em conformidade com a orientação teórica sugerida por Swales (1990, 1992, 1998) a pesquisa buscou alcançar os seguintes objetivos:

- a) determinar a organização retórica do gênero comentário, observando-se o método de análise das regularidades retóricas, tendo por base o modelo CARS (SWALES, 1990);
- b) determinar aspectos da relação entre o comentário e o papel social do comentarista;
- c) levantar a ocorrência do gênero comentário dentro dos jornais Diário Catarinense e Folha de S. Paulo, observando as peculiaridades dessa ocorrência nos cadernos e seções desses jornais.

Esta pesquisa compõe-se, ainda, de mais quatro capítulos, a saber: fundamentação teórica, metodologia, análise dos dados e considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da noção de gênero construída pela tradição sócio-retórica. Entre os autores mais representativos dessa área estão Miller (1984), Bazerman (1994) e Swales (1990), sendo que o trabalho deste último foi tomado como central no presente estudo.

Neste capítulo é apresentado, primeiramente, um panorama das discussões que embasam a perspectiva sócio-retórica. Posteriormente, são apresentados a abordagem de Swales para o estudo dos gêneros e a literatura a respeito dos gêneros jornalísticos e do gênero comentário.

2.1 PERSPECTIVA SÓCIO-RETÓRICA DE ANÁLISE DE GÊNERO

A história dos estudos retóricos tem sua base na Arte retórica de Aristóteles (384 - 322 a.C.). Ele propôs, em sua Retórica, que a arte da persuasão, a oratória, fosse organizada em três funções — a deliberativa, a forense e a de exibição —, cada um das quais realizando-se em gênero oratório específico: deliberativo (administração), judiciário (lei) e demonstrativo (literatura). Essa classificação, por sua vez, resultou da divisão do discurso em seus três elementos essenciais — falante, assunto e ouvinte — e da atribuição ao ouvinte do poder de determinar a finalidade e o objeto desse discurso.²

Muitos séculos depois, Miller (1984, 1994) renova essa tradição, ao propor que o gênero seja entendido como uma ação retórica recorrente e não mais como uma categoria abstrata, e que, nas palavras de Bonini, Biasi-Rodrigues e Carvalho (2006, p. 192), “[...] a tipificação que está na base do gênero seja entendida como uma construção intersubjetiva da realidade e do agir sobre a realidade”.

Para Miller (1994), é preciso conjugar forma e conteúdo do gênero, porque: “[...] se o gênero representa a ação, ele deve conjugar a situação e o motivo, porque a ação humana, seja simbólica ou não, é interpretável somente em relação a um contexto situacional e através da atribuição de motivos”.

A autora ainda diz que a situação não pode ser vista sob um olhar materialista,

² O discurso é, nesse caso, entendido como a fala na tribuna.

pois é uma construção social, e é nesse sentido que a ação humana se constrói, sendo guiada pela significação e não pelas causas materiais. Os novos conhecimentos, para ela, são construídos na forma de tipos. Estes novos tipos, contudo, somente serão tidos como conhecimento em uma comunidade se o seu uso for eficaz e recorrente.

Miller (1994) toma emprestado de Giddens (1984) a noção de que a prática constitui a estrutura e de que a estrutura constitui a prática, ou seja, o falante não é totalmente determinado pelo espaço e o espaço não é totalmente determinado pelo falante. Ao adotar a expressão “reprodução da estrutura”, de Giddens (1984), ela instaura a idéia de que o gênero se constitui a partir da recorrência de sua reprodução.

Embora se inspire em Giddens (1984), para ela, o gênero é uma ação social e não uma estrutura social, já que a ação acontece primariamente com relação à estrutura.

Na mesma linha de Miller, Bazerman (1994, p. 80) entende que: “[...] uma forma textual que não é reconhecida como sendo de um tipo, tendo determinada força, não teria *status* nem valor social como gênero. Um gênero existe apenas à medida que seus usuários o reconhecem e o distinguem”.

Conforme esse autor (BAZERMAN, 1994, p. 82), somente os envolvidos em determinadas atividades têm condições de interpretar certas situações e responder a elas, extraíndo semelhanças e diferenças significativas a ponto de constituir um tipo de texto. Dentro dessa linha de reflexão é que autores como Bhatia (1993) e Paré e Smart (1994) têm observado a necessidade de se consultar os usuários para verificar as regularidades relevantes acerca dos gêneros utilizados, a fim de estabelecer, além das características textuais do gênero, também os papéis sociais assumidos por seus usuários.

Tendo como foco o modo como as pessoas realizam atividades sociais, e conjugando os gêneros a tais atividades, Bazerman (1994) propõe que o gênero seja visto como um elo dentro de um sistema de gêneros. Esses sistemas, portanto, se constituem pela conexão que se dá de diversos modos entre atividades, gêneros e papéis sociais.

Já para Swales (1990, p. 58), o gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos, que são, por sua vez, reconhecidos pelos membros da comunidade em que estão inseridos, constituindo o conjunto de razões que moldam a estrutura do discurso e influenciam e limitam a escolha do conteúdo e do estilo do gênero.

Para esse autor (SWALES, 1990, p. 24), além de a comunidade discursiva deter gêneros próprios, também apresenta propósitos, mecanismos de intercomunicação, de

participação, terminologias e estruturas hierárquicas próprias.³

2.2 A PROPOSTA SÓCIO-RETÓRICA DE JOHN M. SWALES

A análise do comentário realizada nesta pesquisa tem como pressupostos teóricos os textos de Swales (1990) e o modelo desenvolvido por ele acerca da análise de gêneros textuais.

Para Swales (1990, p. 33), o texto deve ser visto em seu contexto e não apenas entendido por meio da análise de elementos lingüísticos. O autor argumenta que o conhecimento em torno do próprio texto não é suficiente para quem precisa produzir textos acadêmicos.

A idéia de gênero de Swales (1990, p. 33) é o resultado de uma soma de vários campos de estudo que, segundo ele, culminam numa postura bastante eclética quanto à noção de gênero.

São onze os campos de estudo que o influenciaram: estudos das variedades funcionais do inglês; sintaxe; discurso; retórica; estudo das quatro habilidades na aprendizagem; pesquisa na área da aprendizagem; análise do discurso; áreas da lingüística; etnografia; teoria de ensino da produção de texto; e antropologia.

Antes, porém, de elaborar um conceito para gênero, Swales (1990, p. 34) se utiliza das reflexões em quatro perspectivas teóricas, a saber: folclore (quanto à função do gênero para a comunidade); estudos literários (quanto à plasticidade dos gêneros); lingüística/lingüística sistêmico-funcional (quanto aos usos sociais da linguagem – evento de fala e registro); e retórica (quanto à classificação dos textos, mas especialmente em termos da noção de tipo de Miller (1984)).

Os gêneros, para ele, apresentam certas características que precisam ser consideradas em uma tentativa de definição. Para o autor, primeiramente, o gênero é uma classe de eventos comunicativos, sendo que essa idéia de classe importante, pois, se remete ao conceito de tipificação de Miller (1984). Além de ser uma classe, os exemplares de um gênero compartilham um propósito comunicativo, já que os gêneros têm como função realizar um

³ Para se obter uma visão introdutória dos trabalhos de Miller, Bazerman e Swales pode-se consultar Carvalho (2005), Hemais e Biasi-Rodrigues (2005) e Bonini, Biasi-Rodrigues e Carvalho (2006).

objetivo ou vários objetivos manifestados pelos grupos sociais.⁴ Essa é a segunda característica do gênero.

Uma outra característica é a prototipicidade. Um texto, como uma das práticas sociais existentes, pode ser exemplo de um gênero específico à medida que os traços desse gênero estiverem nele manifestos. Nesse caso, faz-se uso do critério de semelhança de família para classificar o texto em determinado gênero.

A característica seguinte diz respeito à lógica subjacente ao gênero, posto que este tem uma lógica própria relacionada ao propósito comunicativo que é reconhecido pela comunidade. Conforme o entendimento que tem do propósito, o grupo social utiliza as convenções apropriadas ao gênero, seguindo e criando restrições quanto ao conteúdo, posicionamento e forma.

A última característica do gênero está relacionada à terminologia elaborada pela comunidade discursiva para seu próprio uso. Os termos indicam como os indivíduos mais experientes da comunidade entendem a ação retórica dos gêneros desta mesma comunidade.

A partir da consideração dessas características que compõem a explicação de gênero de Swales (1990, p. 58), é possível agora apontar a sua própria definição:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha enfocado estreitamente em determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo. Os gêneros têm nomes herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, porém normalmente precisam de validação adicional (1990, p. 58).

Quando nos deparamos com o conceito de gênero textual elaborado por Swales, deparamo-nos, também, com alguns conceitos bastante relevantes para o estudo de gêneros dentro dessa tradição: comunidade discursiva e propósito comunicativo.

Segundo Hemais e Biasi-Rodrigues (2005), “[...] a noção de comunidade discursiva é empregada em relação ao ensino de produção de texto como uma atividade social, realizada por comunidades que têm convenções específicas e para as quais o discurso

⁴ Evento comunicativo é a situação em que a linguagem tem um papel fundamental; é constituído do discurso dos participantes, da função do discurso e do ambiente onde é produzido.

faz parte de seu comportamento social”. Portanto, conforme as autoras, num grupo social em que existam convenções discursivas, a entrada de novos membros é facilitada, pois os iniciantes são estimulados a fazer uso dessas convenções, que são reconhecidas pelos membros mais experientes dessa comunidade.

Swales (1990, p. 24-27) estabelece seis critérios para explicar a comunidade discursiva, de maneira que ela:

- a) possui um conjunto perceptível de objetivos;
- b) possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
- c) usa mecanismos de participação para uma série de propósitos;
- d) utiliza uma seleção crescente de gêneros no alcance de seu conjunto de objetivos e na prática de seus mecanismos participativos;
- e) já adquiriu e ainda continua buscando uma terminologia específica;
- f) possui uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e de progresso em seu interior.

Após a publicação de *Genre Analysis* (1990), com o conceito de comunidade discursiva, Swales provoca muitos debates entre acadêmicos. Tais debates o levaram a revisar o seu conceito em textos posteriores (1992, 1993, 1998b).

A comunidade discursiva, que em seu livro de 1990 era tida como um grupo verdadeiro e estável passou a ser repensada por Swales em seus trabalhos posteriores (1994, 1998). Segundo Hemais e Biasi-Rodrigues (2005), “[...] o conceito original deixou de incorporar a idéia do avanço e da novidade que caracterizam as comunidades”.

Conforme Swales, em *Other Floors, Other Voices: a Textography of a Small University Building* (1998), o conceito de comunidade discursiva não contemplava, em 1990, a existência de conflitos dentro das comunidades; elas eram utópicas, sem as tensões reais de uma comunidade composta de membros sociáveis.

Swales (1998b), na percepção de mais uma limitação, constata que a definição de comunidade discursiva de 1990 não pode ser aplicada a comunidades ainda em formação. O conceito se aplicava apenas às comunidades já existentes, em função de os traços lingüísticos já estarem definidos.

A partir dos trabalhos desenvolvidos por James Porter (1992) e Killingsworth e Gilberston (1992), que estabelecem a distinção entre a comunidade discursiva local e a comunidade discursiva global, Swales (1998) propõe o conceito de comunidade discursiva de lugar, que se caracteriza, conforme Hemais e Biasi-Rodrigues (2005), como “[...] um grupo de pessoas que regularmente trabalham juntas e que têm uma noção estável, embora em

evolução, dos objetivos propostos pelo grupo”. Esta comunidade discursiva de lugar tem uma noção de sua própria história e de seus propósitos comunicativos, desenvolvendo, ainda, um léxico específico, que é prontamente identificado pelos seus membros.

Como já foi dito anteriormente, um dos conceitos utilizados por Swales (1990) para elaborar o próprio conceito de gênero é o de propósito comunicativo. Esse conceito também vem sendo repensado.

Segundo Askehave e Swales (2001), o propósito comunicativo é menos visível do que a forma, não podendo servir como critério primeiro para a identificação de um gênero. Sugerem que os membros da comunidade podem não estar de acordo sobre o propósito comunicativo, mesmo tendo conhecimento sobre o gênero.

Os autores defendem, contudo, que não se pode abandonar a noção de propósito comunicativo, já que ela tem papel importante na investigação do gênero nessa tradição de pesquisas. Nesse sentido, ele deixa de ser o critério central na metodologia, mas permanece válido, principalmente se se considerar que o propósito de um gênero possa ser revisto durante a análise.

As principais dificuldades quanto ao conceito de propósito comunicativo, segundo Askehave e Swales (2001), são:

- a) a divergência a respeito do que se entende por propósito de um gênero (que pode ser diferente para peritos diferentes);
- b) a divergência entre propósito implícito e explícito; e
- c) a questão do formato e do conteúdo, pois muitas vezes, na análise, o propósito não é observado, mas o seu formato e o seu conteúdo.

Tendo considerado os conceitos fundamentais da proposta teórica de Swales (gênero, comunidade discursiva e propósito comunicativo), resta explicar o seu modelo CARS (*Create a Research Space*). É importante discorrer sobre esse modelo, uma vez que ele tem se mostrado uma ferramenta de pesquisa essencial nessa tradição de pesquisa aberta pelo autor.

A partir do trabalho desenvolvido por Swales em 1984, com base em um *corpus* de 48 introduções de artigos de pesquisa, o modelo CARS é desenvolvido.

Os resultados dessa pesquisa do autor apontaram a regularidade de quatro movimentos:

- a) estabelecer o campo de pesquisa;
- b) sumarizar pesquisas prévias;
- c) preparar a pesquisa;
- d) introduzir a pesquisa.

Contudo, segundo Swales (1990), alguns autores, a dificuldade de alguns autores em separar o movimento 1 do movimento 2 levou-o a revisar o modelo e a reduzir os quatro movimentos a apenas três, acrescentando-lhes um outro componente, os passos, como podemos verificar na **Figura 1**.

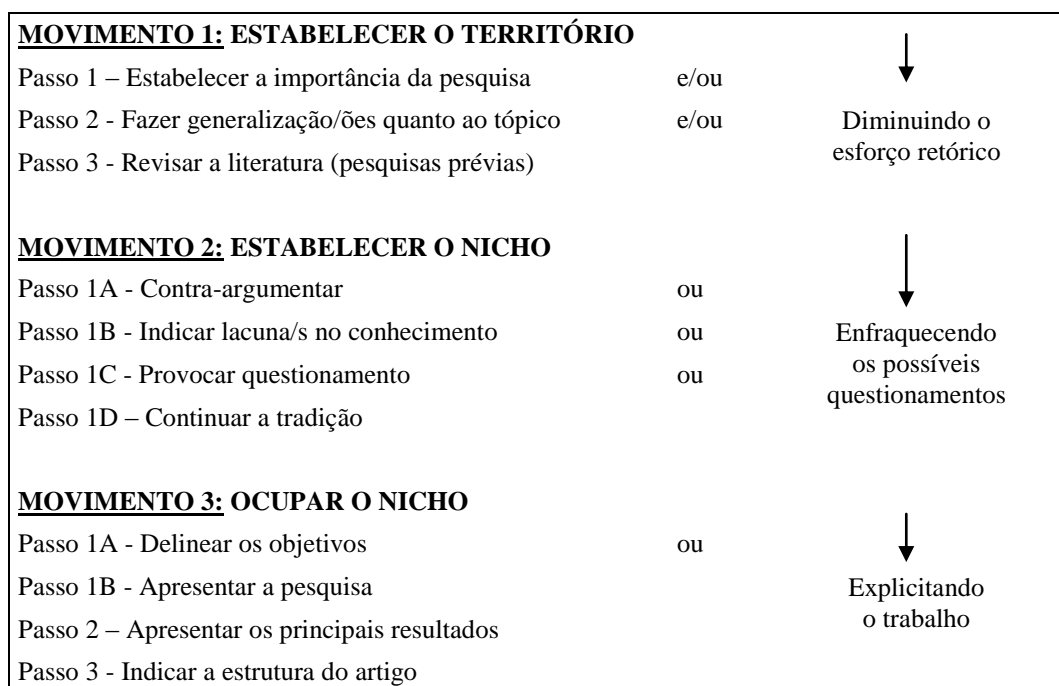


FIGURA 1: modelo CARS para introduções de artigos de pesquisa.

Fonte: SWALES, John M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: CUP, 1990, p. 141.

No modelo CARS, a organização do gênero se mostra como o resultado das ações realizáveis no sentido de se alcançar um ou mais propósitos comunicativos. Em seu funcionamento, um propósito comunicativo é organizado em grandes ações (movimentos), que são realizadas por meio de sub-ações (passos). (BONINI, 2006. p. 58).

No Brasil, esse modelo tem sido aplicado com adaptações à análise de diferentes gêneros textuais. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005). É o caso dos trabalhos desenvolvidos por Motta-Roth (1995), Araújo (1996) e Biasi-Rodrigues (1998). Motta-Roth usa o termo subfunção em vez de passo; Araújo utiliza “estratégia” e Biasi-Rodrigues, “sub-unidade”. As duas primeiras mantêm o vocábulo “movimento” em suas análises. Biasi-Rodrigues prefere utilizar as expressões “unidade retórica”, acerca do que seria “movimento”.

2.3 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Nesta seção, apresento o modo como os gêneros jornalísticos são evidenciados na literatura da área jornalística e na área de comunicação, para que seja possível, posteriormente, analisar o gênero comentário com base, em certa medida, nas características aqui levantadas e conforme o modelo CARS desenvolvido por Swales (1990).

Para que se possa explicar mais claramente a utilização de determinados gêneros textuais no meio jornalístico, é preciso que se mencionem, principalmente, as obras de Melo (1985/2003) e Chaparro (1998), em razão de seu prestígio junto aos estudiosos da área.

No que diz respeito às reflexões sobre gênero na área de comunicação, a cultura jornalística criou o paradigma que divide o jornalismo em textos de opinião e textos de informação. Este paradigma, segundo Melo (1985/2003), tem sido uma espécie de matriz reguladora das convicções conceituais que organizam e explicitam o jornalismo há quase três séculos.

Ainda que aceita, o que observamos nos estudos da área de comunicação é que esta dicotomia vem provocando, já há algum tempo, debates e controvérsias diversas (por exemplo, quanto aos gêneros jornalísticos), o que, por sua vez, tem feito com que esta matriz reguladora do jornalismo esteja em constante estado de contestação, já que o jornalismo, em verdade, não se divide em opiniões e informações, mas se constrói a partir delas. (CHAPARRO, 1998).

Mesmo havendo essas contestações, as reflexões acadêmicas no âmbito da Ciência da Comunicação, não raramente, reafirmam essa dicotomia. No contexto brasileiro, o trabalho de Melo (1985/2003), que tem sido entendido como uma das bases para os estudos sobre gêneros jornalísticos, propõe uma classificação que reafirma o paradigma anglo-saxônico, dividindo os textos jornalísticos nas categorias informação e opinião.

Segundo esse autor, um gênero jornalístico existe em determinado momento e contexto sócio-histórico-cultural, caracterizando-se pelo “[...] conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público”. (p. 61). Para Melo (1985/2003), as duas categorias em que ele agrupa os gêneros jornalísticos: “[...] correspondem à intencionalidade determinada dos relatos”. Assim, ele entende que elas perfazem duas vertentes: a da reprodução do real (informação) e a da leitura do real

(opinião).⁵

O autor enfatiza, desse modo, a idéia de que o jornalismo se desenvolve conforme dois núcleos de interesse: a descrição e a versão dos fatos. Em função disso, propõe a bifurcação dos gêneros jornalísticos, agrupando-os em **jornalismo informativo** e **jornalismo opinativo**. Seguindo esse princípio, Melo (1985/2003) entende que os gêneros jornalísticos podem ser identificados a partir da natureza estrutural dos relatos. Para ele,

Os gêneros que correspondem ao universo da informação estruturam-se a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: a sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos protagonistas (personalidades e organizações). Já no caso dos gêneros que se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: a autoria (quem emite a opinião) e a angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião). (p. 65)

De acordo com as duas categorias propostas, o autor apresenta uma lista de 12 gêneros jornalísticos (**Figura 2**).

INFORMATIVO	OPINATIVO
Nota	Editorial
Notícia	Comentário
Reportagem	Artigo
Entrevista	Resenha
	Coluna
	Crônica
	Caricatura
	Carta

FIGURA 2: gêneros jornalísticos

Fonte: MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo** – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. São Paulo: Mantiqueira. 2003, p. 65. (primeira edição com título diferente em 1985).

Melo (1985/2003) distingue os gêneros de acordo com os critérios que adota de relação com o real, autoria e angulação. A nota, a notícia e a reportagem, nesse sentido, mostram-se distintas quanto à progressão dos acontecimentos, à captação da instituição jornalística e à acessibilidade do público. Portanto, a nota, “[...] corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração [...]”. (p. 65). A notícia, no entanto, “[...] é o relato integral de um fato que já eclodiu o organismo social [...]”. (p. 65); e a reportagem “[...] é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”. (p. 66).

⁵ Melo (2003) afirma que “reproduzir o real significa descrevê-lo jornalisticamente a partir de dois parâmetros: o atual e o novo. Ler o real significa identificar o valor do atual e do novo na conjuntura que nutre e transforma os processos jornalísticos” (p. 63).

No que tange aos gêneros opinativos, segundo o mesmo autor, é possível notar uma semelhança quanto à narração dos valores contidos nos acontecimentos, mas com uma variação no aspecto da autoria e da angulação.⁶ Desse modo, o comentário, a resenha e o artigo, de acordo com Melo, (1985/2003, p. 66), pressupõem autoria definida e explicitada, porque este indicador orienta a sintonização do receptor. O editorial, por outro lado, não apresenta autoria, pois divulga a opinião da instituição. Cabe aqui, contudo, um parêntese: se considerado segundo uma visão Bakhtiniana de autoria, (BAKHTIN, 1992; FARACO, 2007), o editorial também apresenta um autor organizado de forma complexa (a empresa, o editorialista, etc.).

A coluna, a crônica, a caricatura e a carta, segundo Melo (1985/2003), apresentam como traço, semelhante ao comentário e à resenha, a identificação da autoria. Contudo, as angulações são distintas, isto é, “[...] a coluna e a caricatura emitem opiniões temporalmente contínuas, sincronizadas com o emergir e o repercutir dos acontecimentos”. (p. 66). A crônica e a carta “[...] vinculam-se diretamente aos fatos que estão acontecendo”, (p. 66), embora não coincidam com o seu momento eclósivo.

Na seção seguinte, procuro levantar como funciona o gênero comentário dentro do meio jornalístico, embora sempre confrontando esses aspectos com o enquadramento da perspectiva sócio-retórica, especialmente o trabalho de Swales (1990).

Com relação a esta distinção entre informação e opinião, em termos dos gêneros jornalísticos, há autores que se opõem mais frontalmente. Chaparro (1998) afirma: “[...] não há como noticiar ou deixar de noticiar um fato sem a presença da opinião. Assim como o comentário – explicativo ou crítico – não será eficaz se não partir de fatos e dados confiáveis”. (p. 101). Apesar dessa posição, o autor chega, contudo, a uma classificação muito parecida com a de Melo (1985/2003), uma vez que divide os textos jornalísticos em dois gêneros, o “relato” e o “comentário” (nesse caso entendidos como duas grandes categorias abstratas), e esses, por sua vez, em inúmeras espécies (o que em uma perspectiva sócio-retórica seriam propriamente os gêneros).

Há autores que se descolam, em certa medida, dessa perspectiva estruturalista da divisão entre informação e opinião. Para Palácio (1984, p. 17), o jornalismo é: “[...] um método de interpretação [...]”, e justifica:

Primeiro, porque escolhe entre tudo o que se passa aquilo que considera ‘interessante’. Segundo, porque traduz a uma linguagem inteligível cada unidade que decide isolar (notícia) e, além disso, distingue nela o que é mais interessante (...)

⁶ Vamos abordar mais claramente estes gêneros no próximo capítulo, por fazerem parte da análise a que se propõe esta pesquisa.

e o que é menos interessante. Terceiro, porque, além de comunicar as informações assim elaboradas, trata também de situá-las e ambientá-las para que se compreendam (reportagem, crônica) e de explicá-las e julgá-las (editorial e, em geral, comentários).

Apesar de enfatizar a prática jornalística como um modo de agir no social, ao entender o jornalismo como uma forma de interpretação dos conteúdos sociais, o autor imprime uma visão utilitarista ao seu objeto de reflexão. Esse papel mediador não é visto como um tipo de ação ideológica, mas como um modo de auxiliar o destinatário desse tipo de conteúdo a entender o que acontece na sociedade.

Segundo Sousa (2005, p. 169), os gêneros jornalísticos não têm fronteiras rígidas e, em certas situações, é bastante difícil classificar uma determinada peça, até porque, consideradas estrategicamente, todas as peças jornalísticas são notícias se aportarem informação nova. Para o autor, os gêneros jornalísticos correspondem a determinados modelos de interpretação e apropriação da realidade através de linguagens. A realidade não contém notícias, entrevistas, reportagens, entre outros. Os gêneros jornalísticos são uma construção e uma criação da interpretação da realidade, que passa a ser apropriada pelos gêneros jornalísticos e, depois de criados, passam, paradoxalmente, a ser referenciados pelos próprios gêneros.

De modo geral, o modo como os gêneros jornalísticos são entendidos por esses autores revela uma visão do jornalismo mais como uma técnica objetiva do que como um fazer social mediado pela linguagem. Essa perspectiva leva as explicações dos gêneros a se distanciarem em certa medida da perspectiva aqui adotada, a do gênero como uma forma de ação social.

2.3.1 Os gêneros de opinião no jornalismo

A manifestação de opinião no jornalismo, segundo Melo (1985/2003, p. 73), não é uma prática monolítica, ou seja, por mais que a instituição tenha uma orientação definida acerca da forma como pretende que as suas mensagens sejam elaboradas, subsiste uma diferenciação opinativa, no sentido de atribuição de valor aos acontecimentos. As condições de produção de mensagens no meio jornalístico exigem equipes numerosas, o que torna difícil, para a empresa, manter o controle do que está sendo divulgado.

Conforme Melo (2003, p. 75), “[...] a seleção da informação a ser divulgada

através dos veículos jornalísticos é o principal instrumento de que dispõe a instituição (empresa) para expressar a sua opinião”. Esta seleção significa a **ótica** por meio da qual a instituição vê o mundo, ou seja, na prática, é por meio desta seleção que a empresa aplica a linha editorial. Para esse autor (p. 75), essa ótica acontece em função daquilo que se decide publicar em cada edição, evidenciando determinados assuntos, personagens, bem como ocultando-os e, ainda, omitindo-os em certos casos.

Além da linha editorial, segundo Melo (1985/2003), a empresa apresenta outros mecanismos de controle da informação, como a definição da pauta, o foco da cobertura, a escolha das fontes e a revisão realizada pelo copidesque. Ademais, essa opinião pode se mostrar na composição e seleção de títulos e manchetes.

Com relação aos gêneros opinativos, propriamente, a opinião da empresa é desenvolvida textualmente, aparecendo em termos oficiais no editorial (p. 102). Mas a empresa também concede espaço para outros atores sociais, segundo Melo (1985/2003). A opinião do jornalista, conforme o autor, “[...] apresenta-se sob a forma de comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura e eventualmente artigo”. (p. 102). A opinião do colaborador, por sua vez, apresenta-se sob a forma de artigo, sendo que, no caso desse tipo de autor, se trata de personalidade da sociedade civil que busca espaço para participar da vida política e cultural da comunidade. A opinião do leitor, finalmente, se expressa por meio da carta.

O que podemos observar, na verdade, ainda segundo Melo (1985/2003), é que a empresa busca mecanismos, tais como os textos jornalísticos, para assegurar a supervisão e o acompanhamento das etapas que transformam os acontecimentos sociais em notícia. Existe abertura, neste meio, para que a valoração do texto possa ensejar diferentes pontos de vista, mas, mesmo assim, conforme Melo (1985/2003, p. 102), a amplitude deste espaço varia de instituição para instituição e depende sempre da conjuntura política nacional.⁷

Em relação à literatura consultada, o que podemos notar é que, embora a empresa procure controlar a opinião, ela também abre espaços, como concessão ou mecanismo de auto-proteção, mediante os gênero opinativos.

Um dos gêneros que possibilita ao jornalista expor a sua opinião é o comentário – foco desta pesquisa. Conforme Melo (1985/2003, p. 112), o comentário foi introduzido no Brasil por volta da década de 1960, e veio para atender a uma exigência da mutação jornalística que se processou a partir da rapidez na divulgação das notícias em virtude dos

⁷ Essa valoração dos acontecimentos concretiza-se por meio dos gêneros jornalísticos e emerge de quatro núcleos: a) empresa, b) jornalismo, c) colaborador, d) leitor.

avanços tecnológicos e do surgimento da televisão. A idéia é que se informando rápida e resumidamente sobre os fatos que estão acontecendo na sociedade, o leitor sente-se desejoso de saber um pouco mais e de se orientar sobre o desenrolar das ocorrências.

2.3.2 O comentário como gênero jornalístico

Tendo feito uma breve contextualização quanto ao modo e produção da opinião no jornal, passo a considerar agora aspectos nessa literatura que possam contribuir para o entendimento do gênero comentário em uma perspectiva sócio-retórica. A partir trabalhos desta perspectiva, selecionei quatro pontos relevantes que podem contribuir para se pensar um conceito inicial do gênero comentário dentro de uma proposta sócio-retórica, quais sejam: o **propósito**, a **estrutura**, os **papéis sociais** e a **nomenclatura**. Para selecionar esses aspectos, considerei os trabalhos de Swales (1990) e Paré e Smart (1993). Esse último propõe que se observe nos gêneros a estrutura textual, os processos de leitura, os processos de produção e os papéis sociais envolvidos.

Com relação ao propósito, observamos que, conforme Coelho (*apud* Melo, 1992), acerca da Folha de S. Paulo, a função do gênero comentário consiste em emitir, a partir de informações precisas e avaliação de fatos ocorridos, julgamentos rápidos e possíveis previsões [...] (p. 72), embora se possa questionar aqui tanto os limites quanto a natureza da precisão em termos da informação jornalística.

Segundo Melo (1985/2003, p. 116), “[...] raramente o comentário é conclusivo. As conclusões vão emergindo naturalmente como consequência dos julgamentos anteriores”. (p. 116).⁸ Essa continuação de um texto no outro, de edição em edição, sugere que o gênero comentário tenha como propósitos a demonstração, por parte do jornalista, de sua percepção dos fatos ocorridos em sociedade, a argumentação a respeito desses fatos e, fundamentalmente, o julgamento e apresentação de projeções.

Para o autor (1985/2003), ver e perceber o que transcende a aparência dos fatos constitui o maior desafio do comentarista. Esta prática, segundo ele, exige do jornalista constante atualização de informações, para que possa estar sempre sintonizado com os fatos e o contexto em que ele atua.

⁸ Melo ainda afirma que: “Raramente o comentário é conclusivo. Arriscar uma conclusão é perigoso, já que se torna exigiu o tempo que o comentarista tem entre a ocorrência e a sua apreciação”. (p. 116).

O segundo ponto a ser observado é a estrutura. O gênero comentário se estrutura, conforme Melo (1985/2003, p. 116), com base em duas partes:

- a) “[...] síntese do fato e enunciação do seu significado;
- b) argumentação que sugere o seu julgamento”.

Segundo Coelho (1992, p. 77), o comentário se reporta a uma continuidade, remetendo o leitor a fatos passados, a acontecimentos presentes e, conseqüentemente, propondo, de maneira explícita ou implícita, que sejam feitas previsões.

Conforme Melo (1985/2003, p. 113), “[...] o comentário cumpre a tarefa de examinar fatos [...] significativos, mas de menor abrangência, com independência em relação à linha editorial, propondo conclusões que vão emergindo como conseqüência dos julgamentos anteriores”.

Ainda, segundo Coelho (1992, p. 77), o comentário sugere um conhecimento de causa por parte do comentarista, sendo o texto sempre estruturado de forma a deixar claro o embasamento teórico e o conhecimento que o comentarista detém acerca do tema apresentado.

Coelho (1992, p. 77) observa que há uma tendência a se começar o texto de gênero comentário com a expressão de uma opinião, sendo seguido de fatos que a comprovariam conforme a posição do comentarista. No final do texto, segundo o autor, o argumento inicial seria retomado, propondo uma análise e uma ligação com acontecimentos do cotidiano expostos no texto.

Acerca do que se observa nos textos consultados da área, a estrutura do gênero comentário segue uma linha que propõe a síntese do fato sobre o qual se comenta, as argumentações defendidas pelo comentarista e, em seguida, as possíveis conclusões, possivelmente não efetuadas como conclusivas, a fim de que, posteriormente, o leitor trace as suas próprias conclusões.

Em seu artigo, Coelho (1992, p. 78) aborda a questão da estrutura do texto e do ângulo de observação do autor, o que lhe permitiu verificar diferentes formas de comentário. Em se tratando da Folha de S. Paulo, Coelho levantou quatro subgêneros: comentário-editorial; comentário-coluna, comentário personalista e comentário-comentário. Essa classificação, no entanto, se sobrepõe ao que outros autores (MELO, 1985/2003; CHAPARRO, 1998) vão mostrar explicitamente como gêneros (editorial, coluna) e não como subgêneros do comentário. Por esse motivo, vou desconsiderar tal classificação, me atendo apenas ao que o autor apresenta sobre o comentário de modo geral (o que se mostra nas citações que faço do autor em diversos pontos dessa seção).

O terceiro ponto a ser considerado são os papéis sociais, que são percebidos no gênero à medida que os objetivos do gênero são delimitados.

Segundo Coelho (1992, p. 80), “[...] com a independência de que gozam os comentaristas, há plena liberdade para que eles exercitem sua criatividade, demonstrando suas posições enquanto jornalistas e cidadãos”. Os comentaristas demonstram sua opinião, de acordo com Coelho (1992, p. 81), por meio de comparações com fatos passados e presentes por intermédio de seus relatos, que faz com que os leitores pensem a respeito do que se está comentando.

Segundo Melo (1985/2003, p. 112), “[...] o comentarista é geralmente um jornalista com grande experiência e tirocínio, que acompanha os fatos não apenas na sua aparência, mas possui dados sempre disponíveis ao cidadão comum”. É, conforme Melo (1985/2003, p. 112), um observador privilegiado, que percebe certas tramas e tem condições de desvendá-las e oferecê-las à compreensão do leitor. Não é, contudo, um julgador partidário ou um doutrinador. É um analista que aprecia os fatos e estabelece relação entre eles e os seus desdobramentos sociais, procurando esmiuçá-los para o leitor, mantendo, dentro do possível, um distanciamento das ocorrências.

O comentarista é, também, segundo Melo (1985/2003), um profissional que atua como líder de opinião, em função de sua bagagem de conhecimentos culturais e específicos. Melo (1985/2003, p. 112) afirma que: “[...] seus juízos e apreciações merecem respeito não só dos receptores, mas também dos personagens do mundo da notícia”.

Ainda, segundo Coelho (1992, p. 75), o comentarista deve ser alguém que tenha um vínculo funcional com a empresa, que tenha opinião respeitada e dados não alcançados pelos leitores normalmente.

De modo geral, nota-se nessa literatura uma representação do comentarista como sendo um jornalista especializado em determinados assuntos e que utiliza essa informação privilegiada para opinar sobre fatos. Há, contudo, também, uma certa idealização desse papel social no sentido de que o comentarista é idealizado como um profissional voltado para o auxílio do cidadão comum; alguém que se preocupa em ajudar o leitor “menos informado” a formar sua opinião.

O último ponto a ser observado é a nomenclatura, elaborada pela comunidade discursiva em relação ao gênero. Nos estudos realizados por Coelho (1992) e Melo (1985/2003), esta característica não se evidencia. O que se pode verificar, a partir do que expõem tais autores, é que, embora o gênero seja conhecido pela comunidade, o entendimento que se tem dele dentro do meio jornalístico ainda é frágil, em função, inclusive, da sua

conceituação e de sua proximidade com outros gêneros, como o artigo, por exemplo.

Em face da literatura consultada, pode-se dizer, em suma, que o comentário:

- a) é produzido com o propósito de tecer reflexões sobre os fatos atuais, principalmente tendo em conta seus possíveis desdobramentos;
- b) apresenta uma estrutura que consiste em síntese de fato(s), interpretação e previsão;
- c) tem como produtor um ator social experiente em determinado campo temático e que geralmente é funcionário do jornal;
- d) não apresenta contornos muito nítido com relação aos outros gêneros opinativos (como o artigo e a crônica).

3 METODOLOGIA

A análise do gênero comentário, nos jornais Diário Catarinense e Folha de S. Paulo, segundo a proposta sócio-retórica de Swales (1990), objetiva verificar a organização retórica do gênero e sua relação com o jornal, verificando a ocorrência do gênero em cadernos e seções dos jornais analisados. Para tentar alcançar esse objetivo, a pesquisa seguiu uma linha metodológica que é apresentada nesse capítulo em três partes, a saber: a) o tipo de estudo, em que se podem encontrar as bases da pesquisa; b) a descrição do *corpus* da pesquisa, em que se encontram os elementos que compõem o *corpus* e os critérios utilizados para sua seleção; e c) o método de análise, em que se descreve a forma como os textos do gênero comentário foram analisados.

3.1 TIPO DE ESTUDO

A pesquisa sócio-retórica de gêneros tem uma orientação etnográfica, pois busca, segundo Bonini (2003, p. 206), descrever o gênero como componente de uma comunidade discursiva, procurando, portanto, caracterizar o ambiente social e os gêneros que nele circundam. Nestes termos, a presente pesquisa pode ser entendida como tendo um caráter etnográfico, mas também como sendo um estudo textual e discursivo do gênero comentário, uma vez que se centra no texto jornalístico como prática de escrita e, ao mesmo, tempo como ação social.

Este estudo faz parte de um projeto maior, desenvolvido na Universidade do Sul de Santa Catarina, o Projeto Gêneros do Jornal (PROJOR), que tem como objetivo compor um inventário dos gêneros do jornal e estudar a relação constitutiva entre o jornal e seus gêneros.

O *corpus* coletado de exemplares do gênero comentário foi analisado de acordo com a noção de movimento retórico desenvolvida por Swales (1990) em seu modelo CARS. Como a pesquisa visa observar o comentário em relação ao jornal, são considerados aqui também os dois níveis da metodologia do PROJOR (BONINI, 2003, 2004a, 2004b): macro-análise (do jornal para os gêneros) e micro-análise (dos gêneros para o jornal). Cabe ressaltar, contudo, que o comentário está sendo visto aqui dentro da ótica da micro-análise, uma vez

que o gênero é estudado individualmente, mas também quanto à sua relação com o jornal. Essa relação do gênero com o jornal pode ser estudada, segundo Bonini (2004b, 2004c), em três etapas, quais sejam:

- a) levantar a literatura a respeito do gênero;
- b) estabelecer uma interpretação estrutural para o gênero;
- c) estabelecer uma interpretação pragmática para o gênero.

3.2 DESCRIÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

O estudo conta com um *corpus* de 18 textos recolhidos do Diário Catarinense e 24 textos recolhidos da Folha de S. Paulo, entre os dias 7 e 13 de maio de 2007. Os textos foram retirados de diversas seções e cadernos dos jornais estudados.

Foram adotados alguns procedimentos para a seleção dos textos que foram analisados. O primeiro deles foi o de se buscar um conceito minimamente claro e objetivo para se reconhecer o gênero comentário nos jornais. Como aponta a literatura da área (ver seção 2.3.2), o gênero comentário é produzido com o propósito de tecer reflexões sobre os fatos atuais, apresenta uma estrutura que consiste em análise de fato e previsão, tem como produtor um ator social experiente em determinado campo temático e que geralmente é funcionário do jornal e não apresenta contornos muito nítidos com relação aos outros gêneros opinativos. Assim, um critério foi estabelecido: ler os textos de colunistas e verificar se continham, ao menos num primeiro momento, alguma das características apontadas acima.

A partir desta leitura, encontraram-se muitos textos que poderiam ser identificados como exemplares do gênero comentário. Contudo, foi necessária uma releitura, a fim de se levantar aqueles textos que se confundiam menos com outros gêneros do jornal. Nesta segunda leitura, portanto, foi possível separar os textos que compuseram o corpus.

3.3 MÉTODO DE ANÁLISE

A metodologia empregada nas análises desta pesquisa é a proposta por Swales (1990), sua análise de movimentos retóricos, e o enquadramento de planos e etapas proposto

por Bonini (2004b), como já fora mencionado anteriormente.

O primeiro passo desta pesquisa, qual seja levantar a literatura a respeito do gênero, é uma fase anterior à análise dos dados e já se encontra exposto no capítulo 2 (fundamentação teórica). Levantaram-se, neste caso, a descrição e as características do gênero comentário segundo o olhar de alguns estudiosos da Ciência da Comunicação.

Quanto ao segundo passo, estabelecer uma interpretação estrutural para o gênero (cujos resultados serão apresentados no capítulo seguinte), aconteceu no momento da análise dos exemplares do gênero. Os textos foram analisados de modo comparativo, sendo levantada a ocorrência dos movimentos retóricos. Complementarmente, foram levantados dados relativos à relação entre o comentário e o jornal como organização semiótica superior, e a relação com os produtores.

Finalmente, o terceiro passo, estabelecer uma interpretação pragmática para o gênero, ocorreu em conjunto com a análise da estruturação do gênero, levantando-se primeiramente os propósitos e, em seguida, a relação entre o gênero e aspectos do papel social de seu produtor (o comentarista).

Com relação à interpretação pragmática, também foi realizado um levantamento de aspectos do papel social que compõe a posição do comentarista como produtor do gênero comentário. Paré e Smart (1994) propõem o estudo de alguns aspectos relacionados a produtores e consumidores de gêneros, consistindo, conforme resume Carvalho (2005, p. 137), na observação: “1) de suas atribuições, 2) do grau de poder que detêm para tomar decisões, 3) das limitações que encontram na realização de tarefas, 4) do grau das relações que se estabelecem entre os usuários do gênero (mais ou menos socialmente distantes, por exemplo)”. Em termos da presente pesquisa, tendo em conta apenas os textos (sem uma pesquisa de campo), observou-se apenas aspectos relativos às atribuições do comentarista e as relações de poder que aparecem em sua interação com o leitor.

É fundamental que se esclareça que os três procedimentos da microanálise proposta por Bonini (2004b) contêm subitens que, nesta pesquisa, estão inseridos, como um todo, nos passos descritos acima. Não houve intenção de desenvolver separadamente cada um dos subitens, haja vista a complexidade de identificação do gênero comentário, ficando como sugestão para as próximas pesquisas a pormenorização desses subitens.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados obtidos na análise de comentários publicados nos jornais Folha de S. Paulo e Diário Catarinense, realizada com base nos preceitos teórico-metodológicos de Swales (1990) e conforme as orientações de Bonini (2001c), ambos apresentados nos capítulos de Fundamentação Teórica e Metodologia deste trabalho.

Num primeiro momento, será apresentada a estrutura composicional dos textos tomados para análise; num segundo momento, a relação entre comentário e aspectos do papel social de seu produtor (o comentarista); e, num terceiro momento, aspectos da circulação do gênero comentário nos jornais aqui considerados, a Folha de S. Paulo e o Diário Catarinense, para que se possa verificar a relação entre o gênero e o jornal.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA COMPOSICIONAL DO GÊNERO

Para a construção do modelo descritivo do gênero a partir das análises dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, tomou-se como base o modelo CARS, de Swales (1990), que pode ser observado na figura 1 do capítulo 2. Há que se mencionar, contudo, que, na análise aqui relatada, foram considerados, como elementos do modelo explicativo do comentário, apenas os movimentos retóricos. Optou-se por não especificar esses movimentos em passos retóricos. Nos textos analisados, foram identificados nove movimentos retóricos, os quais serão descritos a seguir.

- a) movimento I: identificar o texto – apresenta elementos que auxiliam o leitor no reconhecimento do texto, tais como o título, a seção do jornal em que o texto se insere e o autor;
- b) movimento II: apresentar o fio condutor do texto – aponta, de forma sucinta, o assunto sobre o qual o texto trata. É um modo de o leitor identificar as bases do que foi desenvolvido no comentário;
- c) movimento III: desenvolver um balanço dos fatos – contextualiza a questão abordada no texto, mediante a explicitação de elos causais e/ou motivações diversas;
- d) movimento IV: apresentar uma interpretação dos fatos – aponta o entendimento do

- comentarista acerca dos fatos relatados, suas hipóteses ou conclusões;
- e) movimento V: perspectivar o futuro – apresenta uma previsão de futuro em relação aos fatos relatados ou em relação aos argumentos que norteiam a interpretação exposta. Nesse segundo caso, não há a previsão de qualquer ação futura acerca dos fatos, mas a apresentação de hipótese ou uma seqüência de hipóteses a respeito deles;
- f) movimento VI: dirigir-se a participante do evento com interpelação ou elogio – apresenta, diretamente ao leitor ou a envolvido em fato noticioso, uma avaliação, por parte do autor, de forma positiva ou negativa, podendo ser também uma incitação;
- g) movimento VII: apresentar dados de contato – expõe elementos que podem levar o leitor a um contato extra-jornal com o autor, tais como endereço eletrônico e sites;
- h) movimento VIII: apresentar credenciais – traz dados que possam dar credibilidade ao autor-comentarista, tais como local onde trabalha, formação e especialidade;
- i) movimento IX: apresentar informações *extras* – aponta informações menos diretamente relacionadas ao que se está comentando no texto.

O modo como esses movimentos são concretizados nos textos analisados indica uma postura pessoal de organização da escrita por parte do comentarista, uma vez que há uma variação considerável de autor para autor. Contudo, é possível observar que a idéia de pinçar um fato e assinalar alguns questionamentos acerca deste fato está presente de modo marcante nesse *corpus*. O gênero comentário fica caracterizado à medida que há a retomada de, pelo menos, um fato noticioso e a conseqüente avaliação e análise desse fato por parte do comentarista.

Uma visualização da ocorrência textual dos movimentos retóricos levantados nesta pesquisa é possível a partir do exemplo do quadro 3, onde consta o texto de Euclides Lisboa cujo título é “Oposição contra a CPMF. Que oposição?”.

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p>	<p>Oposição contra a CPMF. Que oposição?</p> <p>Euclides Lisboa</p> <p>euclides.lisboa@diario.com.br</p> <p>Os grandes empresários do país lançaram um manifesto contra a CPMF. A CDL de Florianópolis seguiu o movimento, com passeata na Capital neste sábado. Empreendedor nenhum agüenta os 0,38% descontados nas movimentações bancárias, muitas vezes cumulativas sobre a mesma empresa. Insatisfação, porém, não dobra governo.</p> <p>A CPMF na atual alíquota arrecadará R\$ 35 bilhões este ano, permitindo ao Planalto continuar elevando os gastos públicos mais rapidamente que o bom senso limita. Como a intenção é prorrogar a “contribuição” até 2011,</p>

A insatisfação dos grandes empresários do país e da CDL de Florianópolis, especificamente, com relação à CPMF é o fio condutor deste texto, o que ocorre no movimento II. Trata-se de uma insatisfação que, segundo afirma o comentarista, não vai influenciar o governo em suas decisões.

No movimento III, o comentarista faz um balanço dos fatos ao afirmar que, com a CPMF, o Planalto vai continuar aumentando os gastos públicos e que a prorrogação da CPMF é certa. Ainda, com o aumento da popularidade do presidente Lula, os contrários não querem desagradar o eleitor e arriscar um futuro mandato. O comentarista encerra este movimento apontando o fato de que até a oposição está concordando com o presidente, pois é preciso manter contato com o representante de governo.

No movimento IV, o autor apresenta uma interpretação dos fatos, começando por afirmar que não são mais identificados sinais de indignação na oposição, nem mesmo quando o governo age em benefício próprio. O comentarista utiliza-se de palavras do cotidiano para enfatizar a idéia de que o governo é o próprio presidente. O autor, desse modo, afirma: “O presidente Lula dá as cartas”. No parágrafo seguinte, o comentarista procura sugerir o fato de que, durante um mandato inteiro do governo do Partido dos Trabalhadores, os tucanos não conseguiram fazer com que a população entendesse que os bons resultados da economia decorrem do governo anterior, ou seja, o governo de Fernando Henrique Cardoso, do Partido da Social Democracia. Para tentar comprovar sua tese o comentarista relembra antigos episódios entendidos como escandalosos, como o caso da “máfia das sanguessugas” e o do “mensalão”. Procura evidenciar uma política de interesses e mostrar que a oposição se apresenta “emudecida”. Por fim, encerra este movimento com uma crítica aos opositores, afirmando que eles não podem deixar sua função de lado.

No movimento V, o comentarista procura fazer previsões quanto ao assunto comentado. Para ele, a extinção ou redução da CPMF não acontecerá em função de manifestos de empresários. O governo não está preocupado com estas manifestações de repúdio. Para ele, seria preciso contactar a oposição. Isso afetaria o governo. E, encerra com uma espécie de conclusão catastrófica sobre o futuro das relações políticas no país, ao afirmar que, se as relações com o Planalto continuarem como estão, o Brasil deixará de ser uma democracia.

No movimento VII, o autor apresenta um dado de contato: um endereço de e-mail. Embora esse movimento, mais comumente, ocorra no final do texto, neste caso é apresentado no início, abaixo do nome do autor.

Os movimentos identificados não são constantes em todos os exemplares. Para

uma melhor visualização desse aspecto, os textos foram agrupados conforme a ocorrência dos movimentos apresentados. O quadro 2 foi elaborado de forma decrescente, de maneira que vai de um raio maior de ocorrências (movimentos 1-10) ao menor possível (movimentos 1-4), respeitando-se a ordem, às vezes, independentemente do número de movimentos que compõem o grupo. A partir deste quadro, portanto, é possível verificar a frequência e a porcentagem da ocorrência dos movimentos nos textos selecionados.

Movimentos										F	%
Grupo (a)	I	II	III	IV			VII		IX	1	2,38
Grupo (b)	I	II	III	IV	V			VIII		1	2,38
Grupo (c)	I	II	III		V			VIII		1	2,38
Grupo (d)	I	II	III	IV	V	VI	VII			1	2,38
Grupo (e)	I	II	III	IV		VI	VII			2	4,76
Grupo (f)	I	II	III	IV	V		VII			12	28,57
Grupo (g)	I	II	III		V		VII			9	21,42
Grupo (h)	I	II	III	IV			VII			8	19,04
Grupo (i)	I	II		IV	V		VII			2	4,76
Grupo (j)	I	II	III				VII			2	4,76
Grupo (k)	I	II		IV	V					1	2,38
Grupo (l)	I	II	III	IV						1	2,38
Grupo (m)	I	II		IV						1	2,38
Total										42	100%

Tabela 2: percentual dos movimentos em cada grupo de textos do gênero.

Verifica-se que os movimentos I e II são constantes em todos os textos, o que significa que identificar o texto e apresentar o seu fio condutor é fundamental para a construção do gênero comentário, ao passo que os outros sete movimentos aparecem aleatoriamente nos outros exemplares.

Com base nessas informações é possível constatar que mais da metade dos textos selecionados são construídos com base em seis movimentos: I, II, III, IV, V e VII. Estes movimentos podem determinar a forma como o gênero é apresentado.

Passo agora a comentar e exemplificar cada movimento identificado nos exemplares do gênero comentário. O movimento I apresenta o texto ao leitor, dando-lhe informações como o título, o nome do comentarista e, em alguns casos, o subtítulo. A partir deste movimento o leitor pode ter uma noção do que estará lendo. Vejam-se os exemplos:

(1) Oposição contra A CPMF. Que oposição?
Euclides Lisboa
(Diário Catarinense, edição n. 7702, 13/5/07, Economia, p. 27)

(2) LUIZ CARLOS BRESSER-PEREIRA

Mangabeira Unger

Se o povo está revendo favoravelmente sua opinião sobre Lula, por que Mangabeira Unger não pode?

(Folha de S. Paulo, edição n. 28.523, 7/ 5/ 07, Dinheiro, p. B2)

O movimento II apresenta o fio condutor do texto. É o momento em que o comentarista sintoniza o leitor dentro das questões a serem abordadas no comentário. O leitor passa a identificar o teor da argumentação presente no texto. Observem-se os exemplos:

(3) A CARACTERÍSTICA fundamental da presidência Lula e do conjunto de seu governo – o descumprimento da palavra empenhada – começa, enfim, a receber alguma reação. (Sem palavras, Folha de S. Paulo, edição n. 28.524, 8/5/07, Brasil, p. A5)

(4) Disposto a dar uma resposta aos críticos, o Planalto faz hoje um balanço dos primeiros meses do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC). (Camuflando problemas, Diário Catarinense, edição n. 7696, 7/5/07, Política, p. 9)

O movimento III apresenta e desenvolve um balanço dos fatos, o que contribui para o entendimento do que se está tratando no texto. O leitor, neste terceiro movimento, fica inteirado do assunto abordado. Notem-se os exemplos:

(5) Se você achou romântico o texto, esqueça. Debruçados sobre a lista dos 36 secretários regionais, integrantes do primeiro time do governo e seus principais partidos aliados usavam lupas para aparar arestas e evitar novos desgastes, mas o foco eram os demais cargos comissionados. Uma espécie de “jogo de compadre”, onde todos podiam opinar, mas a palavra final seria do governador Luiz Henrique. Antes, o próprio governador havia vetado cinco partes da reforma aprovada pela Assembléia. Agradou todo mundo. Um exemplo disso foi o veto sobre a área da Epagri, na Capital, que só poderá ser alienada em parte, ficando o restante para o tão aguardado jardim botânico de Florianópolis. (Última avaliação, Diário Catarinense, edição n. 7697, 8/5/07, Política, p. 8)

(6) As primeiras asserções acima são verdadeiras. A última, não poderia ser mais falsa. Pagar IPVA, seguro obrigatório, licenciamento, multas, pedágios, mais de 30% de impostos no preço final do veículo, estacionamento na zona azul, não nos impede de ser assaltados no semáforo. Nem nos desobriga de recorrer a manobristas, de pagar caríssimo em estacionamentos privados, de arcar com seguro particular nem de estourar pneus, amortecedores e protetores de cárter em buracos, desníveis ou tampas de bueiro.

Não bastasse essa comédia bufa, sem graça nenhuma, há milhares de brasileiros que "tomaram um chapéu" do governo federal, em 1999, quando o real atrelado ao dólar oscilou, transformando seus *leasing* automotivos em dívidas impagáveis. O leasing, para quem não está lembrado, é um financiamento que se assemelha a um aluguel. Quem comprou seu carro em 1998, por exemplo, com base na variação cambial, levou uma cacetada a partir de fevereiro do ano seguinte, pois o dólar não parou de se valorizar frente ao real. Recorreu à Justiça, provavelmente, mas está há oito longos anos com um mico nas mãos. Sim, porque um veículo se desvaloriza rapidamente. E somente agora o STJ (Superior Tribunal de Justiça) está para definir se o consumidor arcará mesmo com o leasing cambial inflacionado do dia para a noite, em uma flagrante quebra da ordem econômica. Ou se valerá outro indexador, como o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor).

Há casos, como o do Pactual, em que o banco que fez o leasing cambial nem sequer existe hoje. Por que uma situação tão desgastante, na qual o cidadão paga muito caro por confiar nas instituições, ainda não foi resolvida? (Alô, alô, STJ, Folha de S. Paulo, edição n. 28.524, 8/5/07, Cotidiano, p. C2.)

O movimento IV apresenta uma interpretação dos fatos. É neste movimento que o comentarista coloca todo o seu entendimento acerca do que está escrevendo. Neste movimento se percebe todo o jogo de palavras possível na construção do gênero. O comentarista, no movimento IV, além de expor a sua opinião, em alguns momentos também ironiza e satiriza aspectos dos fatos comentados. Vejam-se os exemplos:

(7) Lula está mudando, e, com ele, o governo. Com uma postura mais realista e moderna, aprovou o lançamento de editais para a cobrança de pedágio nas estradas econômicas. Dividiu e está equipando o Ibama para agilizar a análise de projetos para a liberação de licenças ambientais. Externou a interlocutores, durante a visita, sua grande preocupação com a hipótese de um apagão elétrico na Ilha de Santa Catarina. Criticou o atraso no processo do Ibama para a instalação de um cabo submarino da Eletrosul no sul da Ilha. Estava muito bem-informado sobre a obra. E, no discurso, garantiu empenho na construção de novas hidrelétricas para evitar qualquer apagão nos próximos anos. (Lula e os apagões, Diário Catarinense, edição n. 7698, 9/5/07, Visor, p.3)

(8) Quando se fala que os investidores são afastados do Brasil em consequência da insegurança institucional, raramente se lembra de que os mais prejudicados com isso são os brasileiros. Que, para usar linguagem tão em voga hoje em Brasília, são constantemente driblados em seus direitos. É uma vergonha, uma falta de respeito, que donos de veículos façam companhia a mutuários do SFH (Sistema Financeiro de Habitação), estes atingidos pelo Plano Collor. Mudam os planos, sucedem-se os presidentes da República, mas o sofrimento de quem não está no poder não tem fim. (Alô, alô, STJ, Folha de S. Paulo, edição n. 28.524, 8/5/07, Cotidiano, p. C2).

O movimento V apresenta uma perspectiva de futuro para os fatos analisados. Este o movimento que o comentarista prevê ou supõe ações posteriores às que estão sendo comentadas. O comentarista, como base em seu conhecimento prévio e em suas observações em torno dos fatos, propõe o que poderá acontecer ou o que se espera que aconteça acerca do que se está comentando. Observem-se os exemplos:

(9) A extinção ou redução da CPMF não acontecerá só com manifestos de repúdio dos empresários. O governo, dono do campo e da bola, não dá a mínima para isso, muito menos se envolver risco ao aumento da arrecadação, contrariando seus objetivos políticos, cresça ou não a economia em bons níveis. O movimento dos contrários à CPMF ganharia mais força se os empresários chamassem a oposição para conversar. Por que não procurar os governadores José Serra e Aécio Neves, dois políticos decisivos? Uma reação nos estados mais industrializados do país dificultaria a estratégia de perenizar a “contribuição”. Se continuar essa apatia e erros de enfoque diante da rapidez do Planalto, o Brasil pode esquecer como se faz democracia. (Oposição contra A CPMF. Que oposição?, Diário Catarinense, edição n. 7702, 13/5/07, Economia, p. 27)

(10) O conflito pode ocorrer após os trabalhos da Assembléia Constituinte, que certamente não aprovará o modelo de autonomia exigido pelo movimento Nación

Camba. E, se essa ameaça se efetivar, o Brasil defrontar-se-á com um gravíssimo problema, pois em hipótese nenhuma apoiará a secessão de Santa Cruz de la Sierra. (A Petrobras e a situação da Bolívia, Folha de S. Paulo, edição n. 28.528, 12/5/07, Dinheiro, p. B2).

Por fim, o movimento VII, que apresenta os dados de contato do comentarista, em geral endereço de e-mail. Embora o *corpus* aqui analisado não permita levantar resultados quanto à função desse contato e o modo como ocorre, é possível inferir que o leitor tenha uma importância fundamental na produção do comentário, uma vez que é comum o comentarista disponibilizar seu e-mail. Um dos possíveis resultados do contato com o leitor talvez seja recebimento de informações privilegiadas.

O gênero comentário, portanto, é construído como base nestes movimentos, que são percebidos em boa parte dos textos analisados, e que seguem um padrão de apresentação mais ou menos parecido.

Contudo, é importante que se observem, também, exemplos dos três movimentos restantes, que não caracterizam necessariamente o gênero comentário. Vejam-se os exemplos do movimento VI (dirigir-se a participante do evento com interpelação ou elogio):

(11) E parabéns ao torcedor santista, que acreditou no taco de seu time e levou quase 60 mil pessoas ao estádio, que viveu a tarde que todos nós merecíamos. (E o dia foi mesmo do Santos, Folha de S. Paulo, edição n. 28.523, 7/5/07, Esporte, p. D3)

(12) É duro ser brasileiro de classe média e ter, constantemente, os bolsos saqueados para pagar benesses em nome dos governantes de plantão. E, na hora de valer seus direitos, receber uma risada como resposta. (Alô, alô, STJ, Folha de S. Paulo, edição n. 28.524, 8/5/07, Cotidiano, p. C2)

Esse movimento ocorre em textos com um estilo mais próximos da fala. Talvez seja uma marca dos comentários radiofônicos que ainda permanecem em certas áreas do jornalismo, como a área de esporte.

Os exemplos do movimento VIII (apresentar credenciais) são:

(13) RUBENS RICUPERO, 70, diretor da Faculdade de Economia da Faap e do Instituto Fernand Braudel de São Paulo, foi secretário-geral da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) e ministro da Fazenda (governo Itamar Franco). Escreve quinzenalmente, aos domingos, nesta coluna. (O tempo que resta, Folha de S. Paulo, edição n. 28.529, 13/5/07, Dinheiro, p. B2)

(14) LUIZ ALBERTO MONIZ BANDEIRA é cientista político, professor titular (aposentado) da Universidade de Brasília e autor de várias obras, entre as quais "Formação do Império Americano (Da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque)", que lhe valeu ser eleito pela União Brasileira de Escritores, com o patrocínio da Folha, Intelectual do Ano 2005. (A Petrobras e a situação da Bolívia Folha de S. Paulo, edição n. 28.528, 12/5/07, Dinheiro, p. B2)

<p>M3: desenvolvendo um balanço dos fatos</p>	<p>são-paulinos, de que o time do Rogério Ceni não daria adiós assim tão cedo na Libertadores, esta velha obsessão tingida de vermelho, branco e preto.</p> <p>A festa acabou, senhores, agora é sentar na margem do rio Piedra e chorar, como recomendaria o mago Paulo Coelho. Ainda inconformado com a ajuda que o homem do apito deu ao Flamengo contra o Botafogo, na final do Estadual do Rio, o corvo estava concentrado no Olímpico, mas reservou 15% de suas fuerzas malignas para o Maraca, o eterno salão de festa dos uruguaiois. "Adiós, Mengo, agora lhe resta a via-crúcis de sempre no Brasileiro", grasnou, com 100% de aproveitamento na Libertadores, o velho corvo secador.</p> <p>Sim, podemos lembrar, o juiz argentino foi tão ingrato com o Fla quanto o árbitro do último domingo havia sido cruel e implacável contra o clube da estrela solitária. Ao ponto do amigo Fernando Molica, botafoguense, tijucano e pai de dois meninos - como se apresentou àquela que seria a costela amada-, anunciar, com a dramaturgia típica e única de um alvinegro, o seu adeus definitivo aos estádios.</p>
<p>M4: apresentando uma interpretação dos fatos</p>	<p>Agora sejamos racionais, pelo menos neste parágrafo, o rubro-negro, noves fora esse menino Renato, não fez jus à sua massa. Uma torcida que aplaudiu o time mesmo eliminado merece tudo, sinal de nobreza da plebe. Nunca houve uma torcida como a do Flamengo. Nem mesmo a fiel do Corinthians, que padece da falta de futebol e da crise em geral de público nos estádios paulistas. No momento, só fazem sombra à massa do vermelho e o negro a mineirada do Galo, a incrível galera do Bahia e a imortal do dá-lhe Grêmio. Cabe aqui um salve salve à legião santista, que fez a festa do título no Morumbi com quase 60 mil corações em branco e preto.</p> <p>Torcida, aliás, será o maior drama do São Paulo de sábado em diante, quando desce ao plano terreno e enfrenta o Goiás. A obsessão pela Libertadores tem feito o são-paulino desprezar qualquer outro torneio, esquecendo que sem o Brasileiro não tem nem mesmo o sonho da América de novo. Não, amigo, não acho, ao contrário do corvo, que o maior adversário do São Paulo seja a soberba. Sim, tem muita gente lá de nariz nos ares, achando que o triunfo é quase automático, burocratas sempre a arrotar a palavra "planejamento" como quem grita um Shazam histórico.</p>
<p>M5: perspectivando o futuro</p>	<p>Ora, não é nenhum demérito ser eliminado pelo Grêmio, o time das causas impossíveis, ainda mais no Olímpico, onde futebol-arte, como diz Eduardo Bueno, no seu livro "Nada pode ser maior" (Ediouro/ coleção Camisa 13), é coisa de veado. É, amigo são-paulino, agora é dançar a triste milonga do adiós à Libertadores e espantar o frio com bons tragos na taberna dos que se despedem mais cedo. "Já vai tarde", grasna o diabo do corvo aqui no meu ombro a bicar, ele mesmo, o ponto final deste epitáfio no teclado.</p>
<p>M7: apresentando dados de contato</p>	<p>xico.folha@uol.com.br</p>
<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.527, 11/5/07, Esporte, D3.</p>	

Quadro 4: exemplar de gênero comentário.

Neste texto, observa-se que, desde o movimento II o comentarista parece conversar com o leitor, como se estivessem ambos discutindo as questões abordadas. Acontece aqui também uma espécie de comentário radiofônico, à medida que o comentarista parece estar fazendo uma locução naquele exato momento, numa troca instantânea com o seu

ouvinte-leitor. Em articulação também com o discurso literário, ele se utiliza de um personagem para ampliar seus comentários ou criar determinados efeitos de sentido.

É interessante a forma como o comentarista produz seu texto, pois cria uma atmosfera na qual, de fato, parece conversar com o leitor, a exemplo de quando diz “Não, amigo, não acho [...]”, ou quando se despede utilizando o seu personagem, o corvo Edgar.

Tanto o texto de José Simão como o de Xico Sá apresentam formas diferenciadas de construção do gênero comentário, o que poderia gerar uma outra pesquisa em torno do gênero, uma vez que se busque desvendar o lado mais fronteiro ou criativo do gênero.

4.2 O GÊNERO COMENTÁRIO E ASPECTOS DO PAPEL SOCIAL DO COMENTARISTA

Segundo Paré e Smart (1994), estudo dos papéis sociais de produtores deve considerar alguns aspectos que, segundo resume Carvalho (2005, p. 137), tendo em conta esses atores, corresponde à observação: “1) de suas atribuições, 2) do grau de poder que detêm para tomar decisões, 3) das limitações que encontram na realização de tarefas, 4) do grau das relações que se estabelecem entre os usuários do gênero (mais ou menos socialmente distantes, por exemplo)”. No caso da presente pesquisa, como não foi possível realizar um trabalho de campo, houve a tentativa de visualizar aspectos do papel social dos comentaristas nos próprios textos e em sua ocorrência no jornal. Foram verificados, primeiramente, os temas e cadernos nos quais os comentaristas atuam, o que de certa forma contribui para explicar as atribuições compõem o papel social do produtor desse gênero. Em segundo lugar, foi observado o estilo de composição dos textos (quais recursos lhe são peculiares), o que contribui para explicar a relação que se estabelece entre comentarista e leitor.

Com relação ao primeiro aspecto explorado, portanto, para esclarece quais áreas sociais são mais constantemente enfocadas pelos comentaristas, foi realizado um levantamento dos temas tratados nos exemplares do gênero que compõem o *corpus* da pesquisa. O quadro 5 expõe o resultado do levantamento.

	Diário Catarinense	Folha de S. Paulo
Economia	Euclides Lisboa	Luiz Alberto Moniz Bandeira Luiz Carlos Bresser-Pereira Luiz Carlos Mendonça de Barros Maria Inês Dolci Vinicius Torres Freire Paulo Rabello de Castro Rubens Ricupero
Esporte		José Geraldo Couto José Roberto Torero Juca Kfourri Soninha Tostão Xico Sá
Política	Klécio Santos Moacir Pereira Roberto Azevedo	Jânio de Freitas
Comportamento		Jânio de Freitas José Simão
Televisão		Bia Abramo Walter Ceneviva
Educação		Gilberto Dimenstein

Quadro 5: temas abordados pelos comentaristas do Diário Catarinense e da Folha de S. Paulo

Com relação aos temas abordados nos textos, e apresentados no quadro 5, é possível verificar que há uma maior incidência de comentários nos campos da Economia, do Esporte e da Política. Isso acontece em ambos os jornais, embora, em relação ao *corpus* aqui analisado, tenham sido encontrados exemplares de comentário esportivo apenas na Folha de S. Paulo.

Esse levantamento dos temas abordados nos textos indica que as questões mais constantemente trabalhadas dizem respeito aos campos mais intensamente cobertos pela imprensa. Os comentaristas podem, por vezes, extrapolar seu campo de especialidade (como acontece com Jânio Freitas que, embora atue na área de política, apresenta um texto sobre comportamento). Essa extrapolação, contudo, não se dá para um campo muito distante.

De modo geral, pode-se ver aí uma delimitação do raio de assuntos passíveis de comentário em função dos próprios interesses da mídia ou da institucionalização da cobertura jornalística e, portanto, um conjunto de atribuições fixas para o comentarista. Como já visto neste capítulo e na revisão da literatura, ao comentarista é atribuído um papel de especialista, o que confere obrigações e também poderes específicos.

Outro aspecto que contribui para entender a constituição do papel social do comentarista é o estilo de escrita que os autores empregam. Passo a comentar cada uma dessas

áreas para, posteriormente, tentar uma generalização.

No que tange ao estilo de produção do texto, nos exemplares referentes à **área da Economia**, a maior parte dos comentários são escritos numa linguagem formal, apelativa e com certa dose de ironia. Vejam-se dois exemplos desta área:

(16) A INICIATIVA de Evo Morales, nacionalizando, na Bolívia, as empresas privatizadas durante os anos 1990, constitui uma consequência direta do fracasso das políticas neoliberais. O presidente Victor Paz Estensorro, do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), voltando ao governo em 1985, impôs um programa de ajuste estrutural. Seus sucessores, Jayme Paz Zamora (1989-1993), do Movimento da Esquerda Revolucionária (MIR), e Gonzalo Sánchez de Losada (1993-1998), do MNR, aplicaram com certo êxito o mesmo programa neoliberal, dado que a hiperinflação se tornara inaceitável para a população. Mas o próprio presidente Hugo Banzer, da Aliança Democrática Nacionalista (ADN), reconheceu, no ano 2000, que a estabilidade econômica ao longo de 15 anos, durante os quais a Bolívia se apresentou como modelo de livre mercado, não havia contribuído para diminuir os índices de pobreza de mais da metade da população boliviana (63%), especialmente a de origem indígena. (A Petrobras e a situação da Bolívia, Folha de S. Paulo, Folha de S. Paulo, edição n. 28.528, 12/5/07, Dinheiro, p. B2.)

(17) Talvez não haja razão para surpresas. Afinal, desde a longínqua Conferência de Estocolmo, a posição brasileira sempre mancou de uma perna. Foi correta em denunciar a responsabilidade dos países ricos em criar o problema. Teve ganho de causa ao ver reconhecido o princípio de "responsabilidade diferenciada". Ficou nisso, porém.

No fundo, não mudou em essência em relação aos governos militares, que chegaram a dar as boas vindas a governos poluidores com o argumento da "prioridade de crescer". A ironia é que acabamos não crescendo em mais de 20 anos e assistimos a Amazônia ser destruída ao ritmo de 24 mil km² por ano – como comparação, mais do que os 21,9 mil km² de extensão do Estado de Sergipe. (O tempo que resta, Folha de S. Paulo, edição n. 28.529, 13/5/07, Dinheiro, p. B2.)

Vejam, especificamente, cada autor:

- a) O texto de Euclides Lisboa, do Diário Catarinense, em específico, tende a estabelecer uma relação entre a economia nacional e a de Santa Catarina, em especial a de Florianópolis, sua capital.

(18) Os grandes empresários do país lançaram um manifesto contra a CPMF. A CDL de Florianópolis seguiu o movimento, com passeata na Capital neste sábado. Empreendedor nenhum agüenta os 0,38% descontados nas movimentações bancárias, muitas vezes cumulativas sobre a mesma empresa. Insatisfação, porém, não dobra governo. (Oposição contra a CPMF. Que oposição?, Diário Catarinense, edição n. 7702, 13/5/07, Economia, p. 27)

- b) Luiz Alberto Moniz Bandeira, por sua vez, faz comentários acerca da economia mundial por meio de uma linguagem mais informal, utilizando-se de aspas para enfatizar palavras mais cotidianas ou mais provocadoras.

(19) A Bolívia divide-se em três regiões bem distintas, escassamente integradas: o Altiplano, o Centro (Cochabamba) e o Oriente (Santa Cruz de la Sierra). É um país com escassa unidade econômica, social e política, que ainda não consolidou sua unidade nacional. E na região de Santa Cruz de la Sierra, fronteira com o Brasil, os separatistas promovem intenso esforço de doutrinação sobre a necessidade de separá-la do resto do país. Lá, cerca de 12 mil homens estariam sendo armados e treinados com ajuda de ex-paramilitares das autodefesas da Colômbia e armas de Israel, contrabandeadas pelo Paraguai. O conflito pode ocorrer após os trabalhos da Assembléia Constituinte, que certamente não aprovará o modelo de autonomia exigido pelo movimento Nación Camba. E, se essa ameaça se efetivar, o Brasil defrontar-se-á com um gravíssimo problema, pois em hipótese nenhuma apoiará a secessão de Santa Cruz de la Sierra. (A Petrobras e a situação da Bolívia, Folha de S. Paulo, edição n. 28.528, 12/5/07, Dinheiro, p. B2)

- c) Maria Inês Dolci faz uso de uma linguagem mais informal e de cotidiano. Contudo, o que chama a atenção em seu estilo de escrita é a forma questionadora como elabora seu texto. Ela, ao mesmo tempo em que interpela o leitor com indagações acerca da economia nacional e de sua postura frente a esta economia, também já lhe propõe respostas.

(20) Há casos, como o do Pactual, em que o banco que fez o leasing cambial nem sequer existe hoje. Por que uma situação tão desgastante, na qual o cidadão paga muito caro por confiar nas instituições, ainda não foi resolvida? Quando se fala que os investidores são afastados do Brasil em consequência da insegurança institucional, raramente se lembra de que os mais prejudicados com isso são os brasileiros. Que, para usar linguagem tão em voga hoje em Brasília, são constantemente driblados em seus direitos. É uma vergonha, uma falta de respeito, que donos de veículos façam companhia a mutuários do SFH (Sistema Financeiro de Habitação), estes atingidos pelo Plano Collor. Mudam os planos, sucedem-se os presidentes da República, mas o sofrimento de quem não está no poder não tem fim. (Alô, alô, STJ, Folha de S. Paulo, edição n. 28.524, 8/5/07, Cotidiano, p. C2.)

Os textos da **área do Esporte** são caracterizados pela sua proximidade com o público em nível da interação que propõem, pois os comentaristas se utilizam de uma linguagem mais de cotidiano, com algumas interjeições, falando diretamente ao leitor, o qual é chamado de torcedor. Vejam-se alguns exemplos:

(21) O CAMPEONATO Brasileiro começou ontem. E às 18h10. Sem nenhuma pompa ou circunstância, como sempre, porque a CBF o trata como mera obrigação, nada que mereça promoção. E começou com o campeão de 2006 em seu estádio, com portões fechados. Nada mais estimulante. Abrir o principal torneio do país pentacampeão mundial com um jogo no Mineirão, no domingo, às 16h, entre os campeões das séries A e B, com alguma solenidade, mataria a cartolagem pelo esforço de criatividade, como parece ter matado depois que Grêmio e Corinthians fizeram a abertura em 2006. Mas deixa para lá. (Começou. Mas quase em segredo, Folha de S. Paulo, edição n. 28.529, 13/5/07, Esporte, P. D4.)

(22) PARA A MÍDIA, os patrocinadores, a Federação Paulista e também a maioria dos torcedores (às vezes o interesse coincide...) é muito mais legal uma final com pelo menos um time grande. Acordar pensando "será que o Santos vai ganhar ou perder o título?" é bem diferente da expectativa de ver São Caetano e Bragantino disputando entre si qual seria campeão pela segunda vez. Teria sua graça, claro, mas o interesse seria outro. A quem corintianos, são-paulinos, palmeirenses e santistas iriam secar,

não é mesmo, Xico Sá? (Deu grande na cabeça, Folha de S. Paulo, edição n. 28.524, 8/5/07, Esporte, p. D3.)

Vejamos, especificamente, cada autor:

- a) Os comentários de José Geraldo Couto e de Tostão, com comparação com os demais comentários dessa área, são mais contidos no aspecto da linguagem (em geral, mais formal) e no estilo de elaboração textual, pois são mais neutros (desprovidos de ironia e de provocações).

(23) É difícil dizer quais são os favoritos ao título deste ano. Santos e Grêmio, pelo que fizeram até agora e pela consistência de suas equipes, são apostas óbvias. Botafogo, Atlético-MG, Cruzeiro, Flamengo e uns poucos outros podem surpreender. O São Paulo, que começou o ano tão bem, rateou depois nos momentos decisivos e agora é uma incógnita.

Para além da imprevisibilidade habitual do futebol, a dificuldade de antever como se desenvolverá o Brasileirão tem a ver com a fragilidade dos nossos clubes e do nosso mercado. Lucas, do Grêmio, vai para o Liverpool. Zé Roberto, do Santos, interessa a uma porção de clubes europeus. Sem eles, seus times não serão os mesmos. E isso vale para dezenas de outras transações que deverão ocorrer no meio do ano, quando termina a temporada européia. Haverá prováveis repatriações, que dificilmente compensarão as perdas. Um caso como o de Zé Roberto, que voltou para brilhar, é cada vez mais raro. (São tantas emoções, Folha de S. Paulo, edição n. 28.528, 12/5/07, Esporte, p. D7.)

(24) OS ANTIGOS chavões de que futebol é momento, que jogadores e técnicos têm de matar um leão por dia, e outros lugares-comuns, nunca estiveram tão vivos. O Flamengo, depois de tantos times medíocres e de lutar durante anos para não ser rebaixado no Brasileiro, formou um bom time e ganhou a Copa do Brasil e o Estadual do Rio. Mas bastou uma péssima atuação na Libertadores para dizerem novamente que a equipe é horrorosa, sem comando e que o técnico Ney Franco é muito calmo e bonzinho para dirigir o time. É a síndrome do ditador. Sempre que um time dirigido por um técnico educado e equilibrado perde, falam que faltou treinador disciplinador e que os jogadores não tiveram raça. Os méritos do rival e a imprevisibilidade do futebol são esquecidos. (Futebol é momento que já passou, Folha de S. Paulo, edição n. 28.525, 9/5/07, Esporte, p. D3.)

- b) Juca Kfourir, Soninha e José Roberto Torero produzem comentários mais irônicos e questionadores. Estes comentaristas possuem uma característica bastante particular: o uso de parênteses para expor opinião mais diretamente ou observar aspectos particulares.

(25) O CAMPEONATO Brasileiro começou ontem. E às 18h10. Sem nenhuma pompa ou circunstância, como sempre, porque a CBF o trata como mera obrigação, nada que mereça promoção. E começou com o campeão de 2006 em seu estádio, com portões fechados.

Nada mais estimulante. Abrir o principal torneio do país pentacampeão mundial com um jogo no Mineirão, no domingo, às 16h, entre os campeões das séries A e B, com alguma solenidade, mataria a cartolagem pelo esforço de criatividade, como parece ter matado depois que Grêmio e Corinthians fizeram a abertura em 2006. Mas deixa para lá.

É chover no molhado, porque todo ano é assim e não adianta. Esforço de criatividade, também, é o que os torcedores exigem dos colunistas, sempre provocados a apontar os favoritos ao título e ao rebaixamento antes de os campeonatos começarem. Exercício tão corriqueiro como inútil, daqueles que mesclam obviedades com chutes que passam longe do gol. (Começou. Mas quase em

segredo, Folha de S. Paulo, edição n. 28.529, 13/5/07, Esporte, P. D4.)

Os comentários da **área da Política** são mais contidos em nível de linguagem, sendo escritos com mais formalidade, menos ironia e com observações acerca dos acontecimentos nacionais, sem interpelação ou elogio ao leitor.

Vejam-se os exemplos:

(26) A dificuldade de compreender ou lidar com esse catolicismo tem vencido, no Brasil, a cruzada de João Paulo 2º e, agora, de Bento 16 contra o legado modernizador da Igreja Católica empreendido por João 23. Mas, apesar de nem ao menos atenuarem o crescimento avassalador dos evangélicos, as visitas papais constituem festas, aparentemente festas de devoção, com grandiosidade popular fenomenal. Não é contraditório que assim seja. Incontáveis entrevistas dos peregrinos atraídos pela presença do papa, de muitos dos emocionados até às lágrimas e, inclusive, da própria personagem central do que seria um milagre de frei Galvão, invalidaram a hipótese de que ali as multidões fossem de praticantes de fato. Em provável e ampla maioria, católicos à brasileira. A nova evidência da relação que os católicos brasileiros mantêm com o catolicismo me sugeriu o plano do mais terreno, por exemplo e para não negar a regra, a violência urbana e suas vítimas. São brasileramente idênticas as práticas do catolicismo aparente e as aparências de ação da sociedade contra a violência.

Nestas também não há ação e integração efetivas, ninguém faz mais do que reclamar. A reclamação coletiva contra a violência tem, necessariamente, algum tempero lúdico, festivo, digamos, um "lazer participativo". Pessoas deitadas, paralelas, no calçadão de Copacabana, a pretexto de simbolizarem as vítimas inocentes da violência armada. Uma "instalação" humana. (O maior país de festas, Folha de S. Paulo, edição n. 28.529, 13/5/07, Brasil, p. A9.)

(27) O prefeito tem feito alertas sobre o futuro de Florianópolis. Apela pela união das principais lideranças e autoridades para salvar a cidade. Acredita que o novo Plano Diretor Participativo seja o instrumento para conter o crescimento desordenado. Anda desiludido com as invasões de áreas públicas, esclarecendo que recebeu tudo consolidado. Quando pretende atacar estas áreas sofre reações pesadíssimas, como ocorreu com as comunidades de Vargem Grande e Rio Vermelho, quando cogitou de transferir a favela do Siri, a maior do Norte da Ilha. A cidade está fundada na ilegalidade, mas não admite que os bons empreendimentos, pequenos ou grandes, sejam viabilizados. É tão grande o número de obstáculos que eles acabam sendo engavetados. A Ilha tem, hoje, 58 bolsões de pobreza, que abrigam 60 mil pessoas. Desse total, 30 mil vivem no Maciço do Morro da Cruz. (Pobreza, Diário Catarinense, edição n. 7701, 12/5/07, Visor, p.3)

Vejamos especificamente cada autor:

- a) Jânio de Freitas é o único a comentar nesta área na Folha de S. Paulo, os outros três comentaristas são do Diário Catarinense. A rigor, Jânio escreve seus textos numa linguagem formal, embora com uma dose de ironia e com questionamentos implícitos acerca do que comenta, provocando o leitor a pensar sobre o que escreve.

(28) A CARACTERÍSTICA fundamental da presidência Lula e do conjunto de seu governo – o descumprimento da palavra empenhada – começa, enfim, a receber alguma reação. Só os casos de palavra desonrada neste ano já produzem quatro atitudes coletivas e simultâneas de represália, entre as quais a prepotência impede de estarem os controladores de vôo que receberam de Lula, por intermédio de dois ministros, garantias logo renegadas. (Folha de S. Paulo, edição n. 28.524, 8/5/07, Brasil, p. A5)

- b) Klécio Santos, Moacir Pereira e Roberto Azevedo escrevem num estilo bastante aproximado, abordando questões de nível nacional, embora Moacir Pereira estabeleça relações entre o nacional e Santa Catarina, mais especificamente Florianópolis. Os três utilizam uma linguagem formal e acessível, assim como Jânio de Freitas. Contudo, ao contrário do comentarista da Folha de S. Paulo, os comentaristas do Diário Catarinense não costumam fazer uso de ironias, tampouco questionamentos e, quando os fazem, são questionamentos explícitos, ou seja, acabam respondendo ao longo do texto, o que não acontece nos textos de Jânio de Freitas.

(29) A idéia é pintar um quadro de que nada irá atrapalhar o tão propalado espetáculo do crescimento. Nem a CPI do Apagão Aéreo, que começa de fato as investigações. Por mais que o governo venha espalhando que tem o controle da CPI, o Planalto não estará livre de incômodos. A oposição tem uma lista de problemas e suspeitas de corrupção no setor aéreo para explorar. A CPI, de fato, será o verdadeiro teste de fogo para a unidade da coalizão governista. (Camuflando problemas, Diário Catarinense, edição n. 7696, 7/5/07, Política, p. 9.)

(30) A instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito pela Câmara Municipal de Florianópolis poderá colocar luzes na polêmica em torno das mudanças no gabarito de construção, de zoneamento urbano e outras feridas no Plano Diretor. Identificará o que foi feito, subordinado apenas ao interesse imobiliário do lucro a qualquer preço. (Os dilemas da Ilha, Diário Catarinense, edição n. 7702, 13/5/07, Visor, p. 3.)

(31) Quando o governador Luiz Henrique anunciar oficialmente, hoje à tarde, os novos secretários regionais e os comissionados destas estruturas, dará início, de fato, ao seu segundo governo.

Antes que algum teórico ou militante se apresse em dizer que estamos comprando o discurso da oposição, vamos alertar que, se a proposta dorsal da administração estadual é a descentralização, o fechamento da composição das regionais inaugurará a retomada do ato de administrar em Santa Catarina. (Hora de começar, Diário Catarinense, edição n. 7696, 7/5/07, Política, p. 8.)

Uma característica especial é observada nos comentários de Roberto Azevedo. Os textos, em sua maioria, estão interligados, ou seja, há certa constância durante a semana em nível de tema e/ou assunto abordado.

De modo geral, o estilo do comentário tende a um meio termo entre uma linguagem acadêmica e uma linguagem informal do dia-a-dia. Na distribuição entre as áreas da cobertura jornalística ocorre possivelmente uma gradação que vai do mais ao menos formal, sendo exemplos desse contínuo: política, economia (mais formais), esporte (mais informal). Isso revela diferentes possibilidades de relação do comentarista com o leitor, o que

decorre de relações de poder diversas. Um tema como esporte possibilita um estilo menos tenso, uma vez que o comentarista se encontra em uma situação de interlocução menos marcada por relações assimétricas de poder. Ele se dirige, em geral, diretamente ao torcedor. Já em uma área como política, os leitores são, além da audiência geral do jornal, também os próprios políticos.

A constituição do papel social do comentarista é um tema bastante importante para a caracterização do gênero comentário. O material aqui considerado, contudo, não oferece margem para uma investigação mais profunda desse aspecto, ficando aqui, portanto, uma sugestão para futuras pesquisas.

4.3 O GÊNERO COMENTÁRIO COMO UM COMPONENTE DO JORNAL

Os textos selecionados para o *corpus* desta pesquisa foram retirados de cinco cadernos da Folha de S. Paulo e três seções do Diário Catarinense. Convencionou-se chamar de seção os espaços delimitados do Diário Catarinense, porque, em geral não seguem o padrão dos cadernos. Segundo o Novo Manual de Redação da Folha, caderno é cada um dos conjuntos de folhas dobradas, com no mínimo quatro páginas, que compõem o jornal e estas folhas dobradas não estão divididas no Diário Catarinense do mesmo modo que na Folha de S. Paulo.

Verificando-se, portanto, estes cadernos e estas seções, foi possível observar que o comentário é um gênero constante no jornal. Para cada dia da semana, há um comentário, no mínimo, embora ocorrendo em cadernos e seções diferentes. Existem alguns colaboradores, como o próprio manual de redação da Folha de S. Paulo especifica que escrevem mais de uma vez por semana. Todos os colunistas, pois, escrevem freqüentemente para os jornais aqui considerados.

Após a coleta dos textos para o *corpus* desta pesquisa, observou-se que os comentários estão distribuídos: 1) em cinco cadernos da Folha de S. Paulo – Dinheiro, Esporte, Cotidiano, Ilustrada e Geral –, sendo este último composto por três grandes seções – Brasil, Mundo e Ciência; e 2) em três grandes seções do Diário Catarinense – Economia, Política e Visor.

Cabe uma observação em torno da seção Visor, do Diário Catarinense, pois ela não identifica de maneira clara sobre quais temas os textos nela publicados estarão versando.

Por isso, cabe destacar que, nesta seção, são encontradas colunas que abordam questões de nível econômico, político e social da comunidade catarinense, mais especificamente da comunidade florianopolitana. A primeira impressão causada, inclusive, por esta seção, é a de que se tratava de uma espécie de editorial. Contudo, não foram percebidas características primárias para identificá-la como tal.

Os jornais Folha de S. Paulo e Diário Catarinense contam, ambos, com outros cadernos e outras seções. Entanto, os exemplares de gênero comentário foram encontrados apenas em cinco cadernos da Folha de S. Paulo e três seções do Diário Catarinense.

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	sábado	domingo
Economia							1
Política	2	1	1	1	2	2	
Visor			1	1	2	2	2

Tabela 6: levantamento do gênero comentário durante a semana do jornal Diário Catarinense

Conforme a tabela 6, é possível constatar que em todos os dias da semana há pelo menos um comentário no jornal, o que sugere a relevância deste gênero para o meio jornalístico.

O Diário Catarinense conta com 11 grandes seções, a saber: Geral (Editoriais, Artigos, Saúde, Indicadores), Reportagem Especial, Visor, Classificados (Veículos, Imóveis, Produtos, Empregos), Política, Economia, Mundo, Variedades, Polícia, Esportes e Diário do leitor. Aos domingos, ocorrem algumas seções especiais, como: Donna, TV + Show e Roteiro. Durante a semana, também algumas seções especiais são apresentadas: Casa Nova, Vestibular, Viagem, Patrola e Cultura. Mas, observa-se que os comentários são escritos em apenas três dessas grandes seções: Política, Visor e Economia. Destas três, o maior número de comentários está nas seções Política e Visor, havendo somente um comentário na seção Economia.

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	sábado	domingo
Dinheiro	1	1	2	1	2	1	2
Esporte	1	1	1	1	1	1	1
Brasil		1					1
Cotidiano		1				1	1
Ilustrada		1					1

Tabela 7: levantamento do gênero comentário durante a semana do jornal Folha de S. Paulo

Assim como no Diário Catarinense, também é possível constatar que todos os dias são encontrados comentários na Folha de S. Paulo, que conta com 8 cadernos em seus exemplares: Geral, Brasil, Mundo, Ciência, Dinheiro, Cotidiano, Esporte e Ilustrada. Além disso, em cada dia da semana, exceto sexta-feira, há um caderno diferenciado, a saber: a) segunda –feira: Folhateen; b) terça-feira: Fovest especial; c) quarta-feira: Informática; d) quinta-feira: Turismo; e) sábado: Vitrine e Folhinha; f) domingo: Folha +mais! e Classificados. De todos esses cadernos, em apenas cinco deles foram encontrados exemplares de comentário.

Considerando-se os cadernos/seções que apresentam comentários em ambos os jornais, pode-se observar que muitas áreas de cobertura jornalística não apresentam comentários, o que revela um prestígio menor, na mídia, de assuntos como: ciência, cultura, sexualidade, trabalho, etc.

De modo geral, pode-se perceber que o comentário funciona como um componente auxiliar á cobertura dos fatos, e não como um espaço autônomo do jornal. Há, de certo modo, um controle por parte da organização social que gere o jornal sobre o que se pode ou não discutir. Isso se verifica na existência de áreas de conteúdo já delimitadas e privilegiadas para o exercício do comentário como gênero.

O modo como o comentário se distribui no jornal mostra um aspecto do funcionamento do jornal como um todo: o gênero comentário como uma ação social controlada e dependente de outros gêneros. Em um cenário ideal, o comentário poderia estar presente em todos os cadernos e seções do jornal em todas as edições; e estratégias de democratização do debate sobre temas do interesse coletivo poderiam ser implementadas (talvez ampliando o número de comentaristas, redesenhando os critérios de escolha, e tratando de outro modo a noção de especialização em certo assunto).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos 42 exemplares do gênero comentário, retirados dos jornais Diário Catarinense e Folha de S. Paulo, pode-se aqui tecer alguns comentários gerais a guisa de conclusão.

A pesquisa teve como objetivos norteadores os seguintes:

- a) determinar a organização retórica do gênero comentário, observando-se o método de análise das regularidades retóricas, tendo por base o modelo CARS (SWALES, 1990);
- b) determinar aspectos da relação entre o comentário se o papel social do comentarista;
- c) levantar a ocorrência do gênero comentário dentro dos jornais Diário Catarinense e Folha de S. Paulo, observando as peculiaridades dessa ocorrência nos cadernos e seções desses jornais.

Em relação ao primeiro desses objetivos, a análise apontou uma organização em nove movimentos retóricos, sendo eles: 1) identificar o texto; 2) apresentar o fio condutor do texto; 3) desenvolver um balanço dos fatos; 4) apresentar uma interpretação dos fatos; 5) perspectivar o futuro; 6) dirigir-se a participante do evento com interpelação ou elogio; 7) apresentar dados de contato; 8) apresentar credenciais; 9) apresentar informações extras. Destes movimentos, os cinco primeiros e o sétimo movimento correspondem à organização mais típica do gênero, como se fossem movimentos obrigatórios para a constituição do gênero comentário, sendo os outros movimentos considerados opcionais. Um resumo da organização desse gênero poderia ser, contudo, pensado como compondo-se dos seguintes elementos: retomada de um fato ou mais de um, discussão, e apresentação de perspectivas quanto ao futuro desses eventos, seja na forma de previsão seja como indicação de procedimentos.

Em termos do segundo objetivo, a pesquisa aponta para duas conclusões, considerando-se dois aspectos do papel social do comentarista:

- a) *as atribuições do comentarista*. Há uma delimitação do raio de assuntos passíveis de comentário possivelmente em função dos próprios interesses da mídia ou da institucionalização da cobertura jornalística e, portanto, um conjunto de atribuições fixas para o comentarista relativas ao papel que esse campo específico demanda. Confirma-se, assim, um papel de especialista em determinado assunto para o comentarista.
- b) *as relações de poder entre comentarista e leitores*. O estilo do comentário tende a um meio termo entre uma linguagem acadêmica e uma linguagem informal do dia-a-dia,

com diferentes níveis de formalidade entre as áreas de cobertura (política, economia, esportes). O fato de haver um estilo mais formal em áreas como política e economia em comparação com um estilo menos formal e uma relação mais direta como o leitor na editoria de esportes parece indica diferentes relações de poder e, portanto, diferentes produtores e consumidores do gênero.

A análise em relação ao terceiro objetivo mostrou uma restrição do comentário a certos cadernos e seções do jornal e, portanto, uma delimitação do espaço de ocorrência do gênero. Esse resultado aponta para um funcionamento específico do comentário dentro do jornal como auxiliar aos gêneros que relatam os fatos sociais (notícia, nota, reportagem, entrevista, etc.).

No que diz respeito a esses objetivos, ambos foram alcançados, embora com algumas dificuldades. Passo, portanto, ao um comentário de minha vivência nesse processo:

- a) Para que se pudesse levantar a ocorrência do gênero dentro dos jornais analisados e observar as particularidades dessa ocorrência, foi preciso, num primeiro momento, buscar algumas características para a identificação do gênero, haja vista a sua não-classificação dentro do jornal tal qual acontece com outros gêneros, como o artigo. Isto posto, foi-se a busca de material bibliográfico para o seu reconhecimento, em que pese à dificuldade de se encontrar quem tenha estudado e escrito sobre o gênero em questão. Com base na consulta de textos de alguns especialistas da área de gêneros, algumas características foram demarcadas, o que tornou mais fácil a análise das definições apresentadas na literatura da área de comunicação.
- b) A partir desses eventos, passou-se a um segundo momento, que seria identificar os textos como sendo comentários dentro dos jornais analisados. Esta fase foi bastante difícil, mas também proveitosa, pois contribuiu para que a pesquisadora desse um salto no seu entendimento do gênero comentário.
- c) Após este momento, o de composição do *corpus*, passou-se à fase das análises, isto é, ao grande momento da pesquisa, em que está inserido o primeiro objetivo do trabalho: a análise do gênero em suas ocorrências retóricas. Esta fase do trabalho também fora bastante trabalhosa, mas fora, sobremaneira, agradável e positiva do ponto de vista da importância da pesquisa para a comunidade acadêmica e para a sociedade como um todo.
- d) Quando se pensa em trabalhar com jornais, está-se pensando em muito mais do que folhear aquele material escuro e que deixa as mãos sujas para buscar uma simples informação. Está-se pensando em analisar a forma como os jornalistas estruturam e

interpretação os fatos que acontecem na sociedade; e, nesse caso, como os comentaristas criticam, ironizam, formalizam as situações do cotidiano; e, sobretudo, como nós, os leitores, vamos nos comportar frente ao que está sendo dito e supostamente implícito naquilo que se está lendo. Isso por si só já é um desafio de grande monta.

No que tange às limitações da pesquisa, o que se verifica é que as conclusões apresentadas estão ainda no seu início, pois o *corpus* analisado se mostra ainda limitado, podendo ser ampliado, para que os resultados, principalmente em termos de percentuais, possam ser mais contundentes.

Tendo em conta a utilização dos resultados da pesquisa, os textos aqui analisados se revelam úteis tanto para o trabalho didático de produção e leitura textual com alunos de graduação como com alunos de nível médio. Haja vista, nesse caso, a relevância do comentário como gênero do jornal e como prática do cotidiano, afinal, comentar fatos do dia-a-dia é um costume inerente ao ser humano e um traço bastante evidente da cultura midiaticizada que alicerça a sociedade atual. Os resultados aqui apontados, principalmente quanto à organização retórica do gênero, permitem, nesse sentido, a transposição para a sala de aulas das práticas relativas ao comentário, que pode ser didatizado de inúmeras formas.

Esta pesquisa permite que futuros trabalhos continuem a verificar a ocorrência do gênero comentário em outros jornais de nível nacional, estadual e, municipal, buscando-se: observar os movimentos retóricos nesses jornais, bem como aprofundar os estudos de identificação dos passos de cada movimento identificado; aprofundar a análise de como o papel social do comentarista e seus leitores se constitui; e levantar outros aspectos da relação constitutiva entre comentário e jornal.

REFERÊNCIAS

- ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. **Genre Identification and Communicative Purpose: a Problem and a Possible Solution**. *Applied Linguistics*, v. 22, n. 2, p. 195.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. por M. E. Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005. (org.).
- _____. Systems of genres and the Enactment of social intentions. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (orgs.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994.
- BIASI-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informação em resumos de dissertações na área de letras**. Florianópolis. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 57-71.
- _____. Os gêneros do jornal: um exemplo de aplicação da metodologia sócio-retórica. In: CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes. (Orgs.). **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004a. p. 47-56.
- _____. Em busca de um modelo integrado para os gêneros do jornal. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva (Orgs.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza, CE: PPGL/UFC, 2004b. (livro em CD-rom)
- _____. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003.
- BONINI, A.; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CARVALHO, Gisele de. Análise de gêneros textuais de acordo com a abordagem sócio-retórica. In: LEFFA, Vilson J.. (Org.). **Pesquisa em lingüística aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006. p. 187-226.
- BRASIL, MEC. SEF. 1998. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Língua Portuguesa – 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental**. Brasília, D.F.: SEF/MEC.
- CASTELLI, Eugenio. **Lengua y redacción periodística**. Rosário: Colmegna, 1968.
- COELHO, Marco Flávio Simões. **Comentário**. In: Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo. Colaboradores. São Paulo: FTD, 1992.
- CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 130-149.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**. Percursos e gêneros do

jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo Edições, 1998.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2007.

GIDDENS, Anthony. 1984. **The constitution of society**: outline of the theory of structuration. Berkeley: University of California Press.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo** – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. São Paulo: Mantiqueira, 2003. [Editado inicialmente como: **Opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.]

MILLER, C. R. **Genre as social action**. Quarterly Journal of Speech, v. 70, p. 151, 1984. (republicado em Freedman & Medway, 1994).

MOTTA-ROTH, Désirée; MEURER, José Luiz. (Org.) **Gêneros textuais e práticas discursivas** – subsídios para o ensino da linguagem. Bauru, SP: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

NOVO MANUAL DA REDAÇÃO. Folha de S. Paulo. 7. ed. 1992. SP.

PALACIO, Juan Gutierrez. **Periodismo de opinión**. Madrid: Paraninfo, 1984.

PARÉ, A.; SMART, G. Observing genres in action: toward a research methodology. In: FREEDMAN, A., MEDWAY, P. (Eds.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. p. 146–154.

PORTER, J. E. **Audience and rhetoric**: an archeological composition of the discourse community. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1992.

POSSENTI, S. Discurso e texto: imagem e/de constituição. In: _____. **Sobre a estruturação do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1981.

RABAÇA, Carlos A.; BARBOSA, Gustavo G. **Dicionário de Comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

SAVILLE-TROIKE, M. **The ethnography of communication**. Oxford: Blackwell: 1982.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2005.

SWALES, J. M. **Other floors, other voices**: a textography of a small university building. Mahwah: Laurence Erlbaum, 1998.

_____. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: CUP, 1990.

ANEXOS

DIÁRIO CATARINENSE

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p>	<p>Oposição contra A CPMF. Que oposição?</p> <p>Euclides Lisboa</p> <p>euclides.lisboa@diario.com.br</p> <p>Os grandes empresários do país lançaram um manifesto contra a CPMF. A CDL de Florianópolis seguiu o movimento, com passeata na Capital neste sábado. Empreendedor nenhum agüenta os 0,38% descontados nas movimentações bancárias, muitas vezes cumulativas sobre a mesma empresa. Insatisfação, porém, não dobra governo.</p> <p>A CPMF na atual alíquota arrecadará R\$ 35 bilhões este ano, permitindo ao Planalto continuar elevando os gastos públicos mais rapidamente que o bom senso limita. Como a intenção é prorrogar a “contribuição” até 2011, ainda sobra um ano de teta gorda ao próximo presidente. Uma maneira sutil de enfraquecer a oposição dos atuais presidenciais.</p> <p>A prorrogação da vigência da CPMF, por meio de emenda à Constituição, é líquida e certa. O Planalto terá o “sim” no voto dos “aliados” da oposição. O crescimento da popularidade do presidente Lula está acabando com os contrários. A maioria não quer desagradar o eleitor e arriscar o mandato na próxima eleição.</p> <p>O PMDB da oposição, o presidente do partido e do líder na Câmara, Michel Temer e Henrique Alves, é um dos que verteu água. A turma está com Lula e não abre. Com os tucanos, a situação está dúbia. A cúpula do partido, antes na outra trincheira, está se amansando. Os presidenciais do tucano, José Serra e Aécio Neves, já foram mais radicais em suas críticas ao governo e hoje podem até amainar o discurso de oposição atrás do diálogo que são obrigados a manter com o presidente Lula como representantes de Estado.</p> <p>Hoje, não se identifica sinais de indignação na oposição, nem mesmo quando o governo fatura em proveito próprio os avanços no país conseguidos pelo próprio PSDB, como a estabilidade da economia, a melhoria do ensino básico e alimentação das classes pobres. O presidente Lula dá as cartas. Enquanto não encontrar uma resistência consistente, aprova no Congresso os projetos que quiser. Mesmo depois de quatro anos e meio de governo, com a exposição tucana nos palanques do segundo turno, o PSDB não conseguiu transmitir a idéia legítima à população de que a economia só melhorou agora por conta da boa herança de FHC.</p> <p>A política de interesses eleitorais fica cada vez mais forte</p>

<p>M5: perspectivar o futuro</p>	<p>na terra onde canta o sabiá. Já vimos esse filme antes, no mensalão, no episódio das máfias dos sanguessugas e das ambulâncias e anteriormente nas denúncias de cobranças de comissões que marcaram o governo Collor. A oposição parece emudecida. É verdade que a perda dessa identidade com objetivo eleitoral foi comum na história brasileira. No momento, o recuo da oposição soa mais light que os dólares nas cuecas, mas o papel dos não-governistas é dar contra e pt saudações.</p> <p>A extinção ou redução da CPMF não acontecerá só com manifestos de repúdio dos empresários. O governo, dono do campo e da bola, não dá a mínima para isso, muito menos se envolver risco ao aumento da arrecadação, contrariando seus objetivos políticos, cresça ou não a economia em bons níveis. O movimento dos contrários à CPMF ganharia mais força se os empresários chamassem a oposição para conversar. Por que não procurar os governadores José Serra e Aécio Neves, dois políticos decisivos? Uma reação nos estados mais industrializados do país dificultaria a estratégia de perenizar a “contribuição”. Se continuar essa apatia e erros de enfoque diante da rapidez do Planalto, o Brasil pode esquecer como se faz democracia.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n. 7702, 13/5/07, Economia, p. 27</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p>	<p>Moacir Pereira moacir.pereira@rbs.com.br</p> <p>Os dilemas da Ilha</p> <p>A instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito pela Câmara Municipal de Florianópolis poderá colocar luzes na polêmica em torno das mudanças no gabarito de construção, de zoneamento urbano e outras feridas no Plano Diretor. Identificará o que foi feito, subordinado apenas ao interesse imobiliário do lucro a qualquer preço.</p> <p>Se a CPI quiser mesmo esclarecer fatos colocados sob grave suspeita, a partir da deflagração da Operação Moeda Verde, terá farto material. Começaria com a denúncia do presidente do IpuF, delegado Ildo Rosa, sobre 400 modificações executadas no Plano Diretor. Duas perguntas simples seriam respondidas: quais os autores das propostas e que grupos foram beneficiados?</p> <p>Ilusões, contudo, não devem ser alimentadas com muita solidez. As mudanças, afinal, não foram aprovadas apenas pelos proponentes. A exigência de maioria absoluta para executar a alteração significa que em todas elas pelo menos nove vereadores tiveram participação. Critério, aliás reduzido na Lei Orgânica dos Municípios editada após a Carta Estadual de 1989. Até então só com votos de dois terços dos membros da Câmara seria viável qualquer alteração.</p> <p>E, ainda que sejam sérias e sem querelas partidárias, as investigações dos vereadores, os dilemas de Florianópolis não terminam ali. Há desafios gravíssimos a enfrentar.</p>
	Diário Catarinense, edição n. 7702, 13/5/07, Visor, p. 3.

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p>	<p>Moacir Pereira moacir.pereira@rbs.com.br</p> <p>Invasões</p> <p>O prefeito Dário Berger não tem escondido seu desânimo com as dificuldades encontradas para administrar Florianópolis. O peso é muito maior do que imaginava. Vinha de um mandato tranquilo em São José, sem oposição, sem imprensa, sem a sociedade organizada e sem uma esquerda atuante marcando sob pressão.</p> <p>Mas não deixa de ter razão quando reclama da conjuntura herdada de gestões anteriores, com 58 bolsões de pobreza envolvendo 60 mil pessoas, onde a cada dia narcotráfico se oxigena, pela ausência do poder público, e a criminalidade vai largando seus tentáculos.</p> <p>Os ilícitos penais e os entraves burocráticos não estão também só nos órgãos ambientais, há muito tempo que os empresários honestos já denunciavam extorsões e chantagens para a aprovação de seus projetos. A complexa legislação ambiental e a imprecisão nas competências também multiplicam os desafios e abrem espaços para a prática da corrupção, quando não travam empreendimentos importantes. É vital, finalmente, um esquema eficaz de fiscalização para impedir novas invasões nos morros, que a cada dia ficam mais desfigurados pelas favelas, trazendo mais miséria, mais insegurança e mais criminalidade.</p> <p>Seu patrimônio só será preservado com um conjunto de ações e um trabalho coletivo.</p>
	Diário Catarinense, edição n. 7702, 13/5/07, Visor, p. 3.

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p>	<p>DIRETO DE BRASÍLIA</p> <p>Klécio Santos klecio.santos@zerohora.com.br</p> <p>Camuflando problemas</p> <p>Disposto a dar uma resposta aos críticos, o Planalto faz hoje um balanço dos primeiros meses do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC).</p> <p>O levantamento estava previsto para a semana passada, mas até para analisar o andamento das obras o governo é lento. O presidente Lula, porém, não pensa assim. Ele está satisfeito com o cumprimento dos prazos. Suas queixas se resumem aos entraves na área ambiental. O curioso é que nos dias que antecederam à exposição, capitaneada pela ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, o governo apressou a liberação de recursos do Orçamento de obras previstas no PAC.</p> <p>Só nos últimos 20 dias, o governo empenhou mais R\$ 1 bilhão. A maioria dos recursos foi para obras gerenciadas pelo Ministério dos Transportes, entre elas a duplicação do trecho Sul da BR-101. Uma verdadeira correria para não deixar transparecer que o PAC estaria emperrado na burocracia do governo.</p> <p>A idéia é pintar um quadro de que nada irá atrapalhar o tão propalado espetáculo do crescimento. Nem a CPI do Apagão Aéreo, que começa de fato as investigações. Por mais que o governo venha espalhando que tem o controle da CPI, o Planalto não estará livre de incômodos. A oposição tem uma lista de problemas e suspeitas de corrupção no setor aéreo para explorar. A CPI, de fato, será o verdadeiro teste de fogo para a unidade da coalizão governista.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n. 7696, 7/5/07, Política, p. 9.</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p>	<p>Informe Político</p> <p>Roberto Azevedo roberto.azevedo@diario.com.br</p> <p>Hora de começar</p> <p>Quando o governador Luiz Henrique anunciar oficialmente, hoje à tarde, os novos secretários regionais e os comissionados destas estruturas, dará início, de fato, ao seu segundo governo.</p> <p>Antes que algum teórico ou militante se apresse em dizer que estamos comprando o discurso da oposição, vamos alertar que, se a proposta dorsal da administração estadual é a descentralização, o fechamento da composição das regionais inaugurará a retomada do ato de administrar em Santa Catarina.</p> <p>Igualmente, Luiz Henrique termina com a desgastante disputa interna fomentada pelo próprio governo ao enviar a proposta de reforma administrativa à Assembléia. Depois de aprovada, a peça se transformou em ponto de partida para infundáveis discussões regionais, paroquiais e bairristas. Deu no que deu. O PMDB ficou com 25 das 36 pastas regionais. Mas há, paralelamente, uma leitura fina que aguça o paladar político desse processo. O governador Luiz Henrique pode ter jogado a isca. E, hoje, sabe quem está com ele e quem não merece uma confiança mais ampla. Um mapeamento bem mais interessante do ponto de vista de um administrador hábil.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n. 7696, 7/5/07, Política, p. 8.</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p>	<p>Informe Político</p> <p>Roberto Azevedo roberto.azevedo@diario.com.br</p> <p>Última avaliação</p> <p>Um misto de frenesi e desconforto rondava, ontem, o Centro Administrativo, principalmente quando a noite serviu de companhia para o Conselho Político deliberar sobre a reforma administrativa, sancionada pouco antes. Se você achou romântico o texto, esqueça. Debruçados sobre a lista dos 36 secretários regionais, integrantes do primeiro time do governo e seus principais partidos aliados usavam lupas para aparar arestas e evitar novos desgastes, mas o foco eram os demais cargos comissionados. Uma espécie de “jogo de compadre”, onde todos podiam opinar, mas a palavra final seria do governador Luiz Henrique. Antes, o próprio governador havia vetado cinco partes da reforma aprovada pela Assembléia. Agradou todo mundo. Um exemplo disso foi o veto sobre a área da Epagri, na Capital, que só poderá ser alienada em parte, ficando o restante para o tão aguardado jardim botânico de Florianópolis. A reunião era, sem dúvida, deliberativa. E, lá pelas 20h, alguém teria brincado, do lado de fora do encontro, que o único problema era a falta de horário para acabar. Corrigiu-se em seguida, pois, hoje, tem compromisso oficial com a visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n. 7697, 8/5/07, Política, p. 8</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p>	<p>DIRETO DE BRASÍLIA</p> <p>Klécio Santos klecio.santos@zerohora.com.br</p> <p>Filtro nas investigações</p> <p>Começou com uma polêmica a CPI do Apagão Aéreo. A Aeronáutica quer fazer um filtro, exigindo que os pedidos de convocações de militares fossem encaminhados ao comando da instituição. Embasado no regimento interno, o presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia, rebateu a pretensão dos oficiais. Por trás disso tudo há uma pressão dos controladores de vôo, que temem a CPI justamente porque ela começa investigando o acidente com o avião da Gol. Eles se sentem perseguidos e não querem se transformar em bode expiatório da crise aérea. Tudo isso porque há indícios de uma provável falha dos controladores no acidente com o Boeing da Gol. De qualquer forma, esse será o primeiro foco dos trabalhos definido pelo relator Marco Maia (PT). O petista deixou para o final as investigações sobre as supostas falcatruas em licitações da Infraero. E contou com o apoio da oposição, que não quer partir para o confronto na largada da CPI. Em minoria, tucanos e democratas não querem ser patrolados caso demonstrem intransigência. Também não querem passar à opinião pública uma imagem de que estão tentando tirar proveito político da crise no setor. Por isso, o objetivo é se embasar em minúcias, como relatórios da própria Aeronáutica ou de agências de aviação estrangeiras. Se for assim, a CPI pode decolar. Mas para garantir tranqüilidade aos usuários, precisa investigar a fundo.</p>
	Diário Catarinense, edição n. 7698, 9/5/07, Política, p. 6

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto M7: apresentar dados de contato M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p>	<p>Moacir Pereira moacir.pereira@rbs.com.br</p> <p>Lula e os apagões</p> <p>Demonstrando que o exercício do governo exige responsabilidades políticas muitas vezes inexistentes na oposição, o presidente Luiz Inácio da Silva fez discurso admitindo equívocos cometidos no passado. Falando no Centro Operacional dos Correios, Lula fez o mea-culpa. Lembrou a oposição cerrada no governo José Sarney contra a construção da Ferrovia Norte-Sul, afirmando que se a obra estivesse concluída o Brasil estaria em outro nível de desenvolvimento. O presidente fez apreciações pertinentes sobre o direito de greve, resgatando a sua longa atuação como líder sindical e as paralisações frustradas em São Paulo, sofrendo penalidades salariais. Outra referência à intenção de regulamentar o direito de greve no serviço público, evitando abusos e prejuízos à população. Lula está mudando, e, com ele, o governo. Com uma postura mais realista e moderna, aprovou o lançamento de editais para a cobrança de pedágio nas estradas econômicas. Dividiu e está equipando o Ibama para agilizar a análise de projetos para a liberação de licenças ambientais. Externou a interlocutores, durante a visita, sua grande preocupação com a hipótese de um apagão elétrico na Ilha de Santa Catarina. Criticou o atraso no processo do Ibama para a instalação de um cabo submarino da Eletrosul no sul da Ilha. Estava muito bem-informado sobre a obra. E, no discurso, garantiu empenho na construção de novas hidrelétricas para evitar qualquer apagão nos próximos anos.</p>
	Diário Catarinense, edição n. 7698, 9/5/07, Visor, p. 3

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p>	<p>Informe Político</p> <p>Roberto Azevedo roberto.azevedo@diario.com.br</p> <p>Desmentindo o chefe</p> <p>O ministro Guido Mantega, da Fazenda, comprometeu ontem em poucas palavras, a promessa política empenhada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva na visita a Santa Catarina.</p> <p>Para todos entendermos a situação: Mantega escolheu o dia da reunião entre o secretário nacional do Tesouro, Tarcísio Godoy, com os secretários estaduais Ivo Carminati (Articulação) e Sérgio Alves (Fazenda), que discutia a incorporação do Besc pelo Banco do Brasil, para se pronunciar sobre o assunto.</p> <p>Lembrando o antecessor Antonio Palocci, desmentiu o presidente Lula e afirmou que o Tesouro, leia-se o governo federal, não gastará um centavo para fazer a operação. E mais, afirmou que o Banco do Brasil o faça com o seu capital se quiser manter a operação. Mantega, nosso pândego no episódio, colocou mais um caroço no meio do processo ao não descartar a privatização do Besc. Boa, em uma dúzia de palavras provocou uma crise institucional. E o pior da história: quem estava na reunião, longe da língua de Mantega, não sabia da declaração, garantia, inclusive, que o tom da conversa foi direcionado para outro lado, o da conciliação.</p> <p>O governo catarinense ainda acredita no repasse dos R\$ 350 milhões que podem vir com a venda da conta-salário e da conta-fornecedor.</p> <p>Para o nosso conforto, Mantega costuma não levar a sério o que ele mesmo diz. Já houve episódio onde fez declarações polêmicas e as corrigiu no dia seguinte. Resta saber qual será a reação do seu chefe. A repercussão deve atingir também os petistas catarinenses que, em 24 horas, saíram da euforia para uma situação de dúvida.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n.7699, 10/5/07, Política, p. 12</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto M7: apresentar dados de contato M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p>	<p>Moacir Pereira moacir.pereira@rbs.com.br</p> <p>Decisão</p> <p>Nos meios políticos de Santa Catarina e de Brasília, há convicção de que a decisão sobre o futuro presidente da Eletrosul passa pela ministra da Casa Civil.</p> <p>A indicação do ex-presidente José Drumond Saraiva, um quadro altamente qualificado do sistema Eletrobrás, teve suas impressões digitais. O atual interino, Ronaldo dos Santos Custódio, também é seu afilhado político. Diretor técnico da Eletrosul desde o início do governo Lula, Custódio é engenheiro eletricista formado pela Universidade Federal de Santa Maria. Há 16 anos atua na Eletrosul, sendo, também, conselheiro da NOS (Operadora Nacional do Sistema Elétrico) e do Cepel (Centro de Estudos de Energia Elétrica).</p> <p>Se a escolha for técnico-política, o contemplado poderá ser o deputado Jorge Boeira. É engenheiro mecânico formado pela UFSC, tem atividade empresarial no setor metal-mecânico no Sul do Brasil e exerceu mandato ligado à área. Seu cacife político pode ser decisivo: é apoiado pela senadora Ideli Salvati, líder do PT e maior defensora do governo Lula, e que até não foi contemplada com nenhum cargo federal.</p> <p>Ocorrendo preferência partidária, o nome certo é o do ex-presidente do PT e da Eletrosul Milton Mendes de Oliveira.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n.7699, 10/5/07, Visor, p. 3</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p>	<p>DIRETO DE BRASÍLIA</p> <p>Klécio Santos klecio.santos@zerohora.com.br</p> <p>Má digestão</p> <p>Teve leitão, mandioca e futebol a comemoração do aumento salarial aprovado pela Câmara para parlamentares, presidente da República e ministros. Só faltou a cervejinha. Mas não vai ficar só nisso. O aumento vai se estender num efeito cascata para estados e municípios cujas leis vinculam o reajuste aos subsídios na esfera federal. É um efeito em cadeia, sempre em busca do teto, do maior subsídio. Na maioria das câmaras de vereadores, o aumento só será praticado na próxima legislatura. Ou seja: quem pagará a conta - estimada em mais de R\$ 500 milhões - serão os novos administradores que assumirão o mandato em 2009.</p> <p>A legalidade do aumento não se discute, mas, como diz o presidente da Confederação Nacional dos Municípios, Paulo Ziulkoski, o problema é a conjuntura, quando falta dinheiro para áreas essenciais como saúde e educação. Mas não é só isso. Beira o deboche quando um ministro reclama do próprio salário.</p> <p>- Quando um ministro termina de pagar as coisas que decorrem do fato de ser ministro, fica com R\$ 4 mil ou R\$ 5 mil. Não tem sentido - afirmou ontem Waldir Pires, da Defesa, um dos ministros de atuação mais criticada.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n. 7700, 11/5/07, Política, p.11</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p>	<p>Informe Político</p> <p>Roberto Azevedo roberto.azevedo@diario.com.br</p> <p>Fato novo no Besc</p> <p>Há mais do que uma simples decisão política por trás da compra ou incorporação do Besc pelo Banco do Brasil. O imbróglgio jurídico que cerca a anunciada operação seria o entrave para o fechamento do negócio.</p> <p>O problema estaria em duas leis, a 8.666/93, das Licitações, e a das Privatizações. Ambas convergem em um ponto. Para a União realizar a transferência do Besc para qualquer instituição, até mesmo para o BB, só através de uma concorrência pública, em igualdade de condições, ou seja, um leilão - qualquer banco poderia participar, inclusive os privados.</p> <p>A hipótese é politicamente desconsiderada pela bancada petista na Assembléia, que rebateu críticas feitas à declaração do ministro da Fazenda, Guido Mantega, sobre o fato do governo federal não investir recursos para a compra do Besc. Usaram o argumento da "cortina de fumaça" para evitar especulações e lucros, seguindo o procedimento da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), controladora do mercado de ações. Pelo menos em um ponto os petistas concordam com as evidências: "É uma questão complexa". Os secretários estaduais Ivo Carminati (Articulação) e Sérgio Alves (Fazenda), que participaram, na quarta-feira, de uma reunião na Secretaria Nacional do Tesouro, em Brasília, não podem fazer declarações. Mas o Centro Administrativo não nega os obstáculos. Como há uma cláusula de "silêncio" em torno da negociação, os bancos envolvidos, a União e o governo do Estado estão impedidos de se manifestar. Fontes garantem, no entanto, que até o Proer, criado para salvar instituições financeiras a perigo, representa um problema real. O remédio legal para toda a celeuma estaria no Congresso Nacional. O Legislativo mudaria normas para salvar o Besc da privatização. Então, aguardamos.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n. 7700, 11/5/07, Política, p.12</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p>	<p>Moacir Pereira moacir.pereira@rbs.com.br</p> <p>Protesto</p> <p>A semana marcou, também, intervenção do deputado Gelson Merísio, detonando a secretária do Desenvolvimento Social, professora Dalva Dias. Invocando a condição de líder dos Democratas, registrou que o deputado Darci Matos estava para tratar de questões de interesse público em Joinville. Como não obteve resposta, comunicou o fato ao líder. Gelson Merísio queixou-se ao secretário de Articulação Política. O advogado Ivo Carminati garantiu que naquele mesmo dia a secretária Dalva Dias ligaria para Darci Matos, marcando a pretendida reunião. Nada aconteceu. Merísio assumiu a tribuna para criticar a secretária do Desenvolvimento, classificando sua postura de “arrogante” e exigindo “mais respeito com o parlamento catarinense”. Conscientes de que foram decisivos na formação da tríplice aliança, os deputados do PMDB, do PSDB e do PFL cobram retribuições do governo do Estado. Na nomeação de 500 titulares de cargos nas secretarias regionais também querem prioridade para seus afilhados. Como há nomes sem competência, surgem reações dos secretários regionais.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n. 7700, 11/5/07, Visor, p.3</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p>	<p>Moacir Pereira moacir.pereira@rbs.com.br</p> <p>REAÇÕES NO GOVERNO</p> <p>O governo do Estado elegeu uma sólida bancada na Assembléia Legislativa, mas já sofre críticas e questionamentos sobre as suas ações entre diversos aliados. A semana que se encerra revelou casos isolados a mostrar a autonomia dos governistas.</p> <p>A primeira ovelha desgarrada foi vista na votação da reforma administrativa. Para surpresa do governo, o deputado Amauri Soares (PDT) votou contra. Foi o único voto divergente. Em outras matérias, esta postura foi confirmada. O deputado Cesar Souza Junior, dos Democratas, resolveu peitar o aliado tucano Marcos Vieira em relação à polêmica emenda para autorizar a venda de ampla área da Epagri, em sua sede do Itacorubi. Insurgiu-se contra a alienação e realizou uma audiência pública que se transformou num evento político de repercussão. Tinha expectativa de veto de Luiz Henrique, mas o governador sancionou a emenda. Ato contínuo, Cesar Souza Junior entrou com projeto de lei que proíbe a venda da área de 60 mil metros quadrados, transformando todo o terreno da Epagri, de 300 mil metros quadrados, em área para o futuro jardim botânico. Esperançoso, diz que tem todos os votos das oposições (13 deputados) e vários entre os governistas. E alega que o governo terá problemas para vender a área de 60 mil metros quadrados. Está penhorada na Justiça do Trabalho e terá forte reação comunitária, que cansou de edifícios na região.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n.7700, 11/5/07, Visor, p.3</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p>	<p>Informe Político</p> <p>Roberto Azevedo roberto.azevedo@diario.com.br</p> <p>Mais cinco secretarias</p> <p>Quando o governador Luiz Henrique der posse, na segunda-feira, aos 36 titulares das regionais também oficializará a atuação de mais cinco novos secretários, chamados executivos, dentro da administração estadual. As pastas não terão estrutura, mas representam, sim, novos postos de primeiro escalão. Então, auxiliando no seu cálculo, serão empossados 41 secretários.</p> <p>O que vai estranhar o observador mais atento é que, apesar da defesa da descentralização, pelo menos duas das novas secretarias conflitam com organismos já existentes no organograma estatal. A saber: o ex-deputado Lírio Rosso (PMDB) será secretário-executivo de Articulação Estadual, função de Ivo Carminati, da Articulação e Coordenação. E Justiniano Pedroso ocupará a Secretaria Executiva de Justiça e Cidadania, um dos focos da Segurança Pública e Defesa do Cidadão, comandada pelo deputado Ronaldo Benedet (PMDB). Na prática, junto com Alexandre Fernandes (Assuntos Estratégicos), Cleverson Siewert (Gestão de Fundos Estaduais) e Luiz Fachini (Políticas Sociais e Combate à Fome) - o que dá uma raspada na Secretaria de Desenvolvimento Social já existente -, Rosso e Pedroso serão investidos, em um novo patamar, em funções que já vinham ocupando no governo. A necessidade desta inflada terá que ser bem explicada, pois a primeira reação é de certa perplexidade. Afinal, um dos objetivos da terceira reforma administrativa era diminuir o número de comissionados na máquina.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n. 7701, 12/5/07, Política, p.14</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p>	<p>DIRETO DE BRASÍLIA</p> <p>Klécio Santos klecio.santos@zerohora.com.br</p> <p>PANELA DE PRESSÃO</p> <p>Por trás das declarações virulentas em relação ao BESC do ministro da Fazenda, Guido Mantega, está a pressão para encontrar uma saída que permita renegociar as dívidas dos Estados. Mantega está sendo cobrado pelo Planalto, interessado em afagar os governadores, especialmente do aliado PMDB e dos adeptos da oposição light no PSDB. A venda do BESC foi a saída encontrada pelo governo do Estado para o problema.</p>
	<p>Diário Catarinense, edição n. 7701, 12/5/07, Política, p.15</p>

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p>	<p>Moacir Pereira moacir.pereira@rbs.com.br</p> <p>O DESABAFO DE BERGER</p> <p>Empresário formado em Administração acostumado a tomar decisões e comemorar resultados, o prefeito Dário Berger (PSDB) anda desiludido com os entraves encontrados em Florianópolis para apoiar empreendimentos, remover problemas sociais e deixar a cidade melhor do que recebeu.</p> <p>Em entrevista ao colunista Cacau Menezes, no Jornal do Almoço, da RBS TV, Dário Berger chegou a admitir a hipótese de não disputar a reeleição no próximo ano. Decepcionado, é tema que, neste momento, coloca em plano secundário. O diagnóstico que tem sobre a mesa de trabalho é um mosaico de problemas de toda ordem: ocupações ilegais em diferentes pontos da Ilha de Santa Catarina, ilegalidade na concessão de alvarás para funcionamento de estabelecimentos comerciais, impedimentos de natureza variada para a realização de empreendimentos que venham a gerar os empregos que a Capital precisa, falta de saneamento básico em áreas de alta densidade demográfica, descontrole total nas invasões de áreas de preservação, prédios públicos irregulares, e assim por diante.</p> <p>O grave é que não existem perspectivas de solução imediata dos tumores que ferem a cidade. Dário Berger revela: - Os comerciantes que detêm concessões de exploração dos boxes no Mercado Público estão em situação ilegal. O Centro de Convenções não tem habite-se. O Ceisa Center está irregular. E assim vai.</p>
	Diário Catarinense, edição n. 7701, 12/5/07, Visor, p.3

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto M7: apresentar dados de contato</p> <p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p>	<p>Moacir Pereira moacir.pereira@rbs.com.br</p> <p>Pobreza</p> <p>O prefeito tem feito alertas sobre o futuro de Florianópolis. Apela pela união das principais lideranças e autoridades para salvar a cidade. Acredita que o novo Plano Diretor Participativo seja o instrumento para conter o crescimento desordenado. Anda desiludido com as invasões de áreas públicas, esclarecendo que recebeu tudo consolidado. Quando pretende atacar estas áreas sofre reações pesadíssimas, como ocorreu com as comunidades de Vargem Grande e Rio Vermelho, quando cogitou de transferir a favela do Siri, a maior do Norte da Ilha. A cidade está fundada na ilegalidade, mas não admite que os bons empreendimentos, pequenos ou grandes, sejam viabilizados. É tão grande o número de obstáculos que eles acabam sendo engavetados. A Ilha tem, hoje, 58 bolsões de pobreza, que abrigam 60 mil pessoas. Desse total, 30 mil vivem no Maciço do Morro da Cruz.</p> <p>O prefeito terá, terça-feira, uma audiência com a ministra Dilma Rousseff. Vai tentar incluir os projetos do Maciço no PAC. Estão previstos investimentos de R\$ 45 milhões. O presidente Lula prometeu ajudar. Os desencantos do prefeito produzem duas leituras: 1. Abalo político com a prisão de vários assessores; 2. Governar Florianópolis é muito mais complexo e difícil do que administrar São José.</p>
	Diário Catarinense, edição n. 7701, 12/5/07, Visor, p.3

<p>M5: perspectivar o futuro</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p>	<p>sociedade civil estão revendo favoravelmente sua opinião sobre o presidente Lula, por que Mangabeira Unger não pode revê-la também? Encontrei-me com ele em Boston há três semanas, antes de receber o convite, e ele se mostrava esperançoso no governo, cujas políticas começavam a ganhar caráter mais de esquerda e nacional. Por que não pode ele, quando convidado, oferecer seus préstimos ao país? Mangabeira Unger é um notável intelectual; é um filósofo político e do direito respeitado em todo o mundo. Sempre foi um homem de esquerda que se propôs a formular uma teoria social ou da história alternativa ao materialismo histórico (marxista) e à teoria da modernização (americana): a "teoria da plasticidade", que rejeita o relativo determinismo daquelas teorias e afirma a possibilidade de uma intervenção mais deliberada dos homens em sua história. Há um aspecto voluntarista nessa teoria, mas é ela que sustenta sua vontade republicana de participar do governo de seu país. Lula, ao convidá-lo para ministro, se mostra disposto e interessado em ouvi-lo. Seu governo poderá ser melhor se algumas de suas idéias forem adotadas.</p> <p>Internet: www.bresserpereira.org.br</p> <p>lcbresser@uol.com.br</p> <p>LUIZ CARLOS BRESSER-PEREIRA, 72, professor emérito da Fundação Getulio Vargas, ex-ministro da Fazenda, da Reforma do Estado, e da Ciência e Tecnologia, é autor de "As Revoluções Utópicas dos Anos 60".</p>
	<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.523, 7/ 5/ 07, Dinheiro, p. B2.</p>

<p>M6: dirigir-se a participante do evento com interpelação ou elogio</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p>	<p>perdão dos fãs de Mequinho (lembra dele?). E parabéns ao torcedor santista, que acreditou no taco de seu time e levou quase 60 mil pessoas ao estádio, que viveu a tarde que todos nós merecíamos.</p> <p><u>blogdojuca@uol.com.br</u></p>
	<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.523, 7/5/07, Esporte, p. D3.</p>

<p>interpretação dos fatos</p> <p>M6: dirigir-se a participante do evento com interpelação ou elogio</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p>	<p>Quando se fala que os investidores são afastados do Brasil em consequência da insegurança institucional, raramente se lembra de que os mais prejudicados com isso são os brasileiros. Que, para usar linguagem tão em voga hoje em Brasília, são constantemente driblados em seus direitos. É uma vergonha, uma falta de respeito, que donos de veículos façam companhia a mutuários do SFH (Sistema Financeiro de Habitação), estes atingidos pelo Plano Collor. Mudam os planos, sucedem-se os presidentes da República, mas o sofrimento de quem não está no poder não tem fim. É duro ser brasileiro de classe média e ter, constantemente, os bolsos saqueados para pagar benesses em nome dos governantes de plantão. E, na hora de valer seus direitos, receber uma risada como resposta.</p> <p>NA INTERNET - http://mariainesdolci.folha.blog.uol.com.br</p>
	<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.524, 8/5/07, Cotidiano, p. C2.</p>

Movimentos	Texto
M1: identificar o texto	SONINHA
	<p>Deu grande na cabeça</p> <p>O pequeno conseguiu sair na frente, mas talvez o Santos estivesse mesmo precisando se sentir desafiado para valer</p>
M2: apresentar o fio condutor do texto	<p>PARA A MÍDIA, os patrocinadores, a Federação Paulista e também a maioria dos torcedores (às vezes o interesse coincide...) é muito mais legal uma final com pelo menos um time grande. Acordar pensando "será que o Santos vai ganhar ou perder o título?" é bem diferente da expectativa de ver São Caetano e Bragantino disputando entre si qual seria campeão pela segunda vez. Teria sua graça, claro, mas o interesse seria outro. A quem corintianos, são-paulinos, palmeirenses e santistas iriam secar, não é mesmo, Xico Sá?</p>
M3: desenvolver um balanço dos fatos	<p>Essa turma toda acompanhou o jogo de domingo roendo as unhas, aflita com a indefinição até a última hora. Faz parte do folclore do futebol dizer que "2 a 0 no primeiro tempo é um resultado perigoso" -para quem está na frente no placar! Ouvi isso desde pequena; minha mãe dizia que era um ensinamento do Osvaldo Brandão. Não sei se ele foi mesmo o primeiro a formular a essa conclusão esquisita que tem lá sua lógica. Como o "fator psicológico" existe mesmo (não é invenção da imprensa) e interfere no desempenho dos jogadores, a tranquilidade que ele sugere pode atrapalhar.</p> <p>O São Caetano fez 2 a 0 no primeiro tempo da final – pior para ele. Parece que o que o Santos precisava nessa fase era de desafio. Pela primeira vez em quatro jogos, saiu em desvantagem. E agravantes: desfalques importantes, cansaço da viagem pela Libertadores, agitação por declarações de atletas afastados por, digamos, divergências contratuais... Se o primeiro jogo tivesse sido 0 a 0, se não houvesse tantas condições adversas, talvez o Santos não tivesse corrido tanto, se aplicado tanto... Soa como paradoxo ou frase de manual de auto-ajuda, mas o fato é que a adversidade fez bem ao campeão.</p>
M4: apresentar uma interpretação dos fatos	<p>O Santos se superou, mas era inquestionavelmente superior, desde o começo. Tem um número maior de bons jogadores, mais experiência, mais torcida e aquele técnico. O São Caetano entrou em campo com postura equivocada, desmentindo as declarações do próprio Dorival Jr. antes de o jogo começar. Jogou encolhido, recuado, mais reativo do que pró-ativo (nem eu acredito que usei esses termos). Mas, fundamentalmente, jogou mal. Não foi eficaz no que se dispôs a fazer -não marcou direito e foi incapaz de contra-atacar. Acontece. Jogadores e equipe seguem com seu valor, e não há adversário que não esteja conformado com a vitória</p>

<p>M6: dirigir-se a participante do evento com interpelação ou elogio M5: perspectivar o futuro</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p>	<p>do Santos. Mereceu e pronto. Sobre Luxemburgo: na semana passada, em uma frase que não era para ter o peso de um diagnóstico definitivo, disse que ele era o rei dos pontos corridos, mas ainda tinha um probleminha com mata-matas. A primeira parte é muito mais justa do que a segunda, como ao menos um leitor fez questão de me lembrar.</p> <p>Com tempo para trabalhar, ele faz um time ficar forte, equilibrado, consistente, e seus jogadores renderem o máximo de sua capacidade. Nos pontos corridos, vale muito. Nos mata-matas, não necessariamente... Luxemburgo tem troféus dos dois tipos, e acaba de ganhar mais um, "misto". Como diria o Romário (!?): parabéns, Peixe. (Quanto à discussão envolvendo jogadores e empresários: deixo para lá por enquanto, para não azedar a festa. Mas é importante voltar a isso depois).</p> <p><u>soninha.folha@uol.com.br</u></p>
Folha de S. Paulo, edição n. 28.524, 8/5/07, Esporte, p. D3.	

<p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p>	<p>Previdência. O que se sugere aqui é muito e é pouco, porque restaria todo um outro plano de preparação educacional e tecnológica do qual não começamos sequer a arranhar a superfície.</p> <p>O PAC do setor privado começa por nos perguntarmos, com mais inteligência e menos deslumbramento, por que ficamos tão espertos a ponto de o real ser tão forte e as demais moedas tão fracas? Tem a ver com nosso custo financeiro, que tem remunerado o dinheiro, no Brasil, até seis vezes mais que o seu custo/ risco lá fora.</p> <p>Simplificar a tributação empresarial também é bem mais do que a agenda de baixar alguns tributos para segmentos cuja competição chinesa os está arrebatando. A tributação é para todos, assim como deve ser sua simplificação e desoneração. Finalmente, a democratização do capital. Para tanto, a remoção dos obstáculos (leia-se, INSS, FGTS, PIS etc.) que hoje desviam o curso das poupanças para longe da sua acumulação em fundos do próprio trabalhador é a revolução que falta aos desconfiados jovens, para quem a exclamação "tudo beleza" não passe de "caô de bacana".</p> <p>PAULO RABELLO DE CASTRO, 58, doutor em economia pela Universidade de Chicago (EUA), é vice-presidente do Instituto Atlântico e chairman da SR Rating, classificadora de riscos. Preside também a RC Consultores, consultoria econômica, e o Conselho de Planejamento Estratégico da Fecomercio SP. Escreve às quartas-feiras, a cada 15 dias, nesta coluna.</p> <p>rabellodecastro@uol.com.br</p>
	<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.525, 9/5/07, Dinheiro, p. B2.</p>

Movimentos	Texto
M1: identificar o texto	VINICIUS TORRES FREIRE
	<p>O PAC inexistente, mas não vai mal Plano luliano é programa administrativo que começa quase bem, mas não vem a ser indutor de crescimento</p>
M2: apresentar o fio condutor do texto	<p>O GOVERNO LULA é vítima da própria marquetagem no caso do PAC. Anunciou um plano de crescimento, mas apresentou um simples, porém necessário, programa administrativo, embrulhado em papel de presente e fita, não muito diferente do "Avança Brasil" de FHC, embora mais tardio. Espera-se que seja mais bem-sucedido. Lula o fez depois de quatro anos, período em que tomou alguma consciência do que seja governar.</p>
M3: desenvolver um balanço dos fatos	<p>Melhor dizer, enfim, que, além da marquette, o rótulo e a festa do PAC demonstram ainda um genuíno e tolo autocontentamento luliano, decorrente da autocomplacência da ignorância. Quando descobriu a existência de programas de governo, imaginou ter achado a América, mais um de seus "nunca antes". Ora, vivas, de qualquer modo, pois o governo se compromete com metas, presta contas e se submete ao escrutínio público de modo objetivo. Mas, primeiro, essa história de sinalzinho verde, amarelo ou fúcsia, de 51% ou 48,6% de metas cumpridas etc, é outra lambança publicitária e analítica. 50% do quê? De dinheiros, de metros cúbicos de cimento, de decretos, de isenções fiscais? Se o governo cumprir 70% dos projetos de menor impacto vai ser bom? E se cumprir só 30% da lista nominal e isso for mais relevante? E se correr para gastar dinheiro e fazer porcaria, corrupção, desperdício? Segundo, metas são mais um modo de identificar e resolver problemas do que um alvo exato. Mais, inícios de programas são lentos. E muito dinheiro não se gasta porque não há competência para gastá-lo. Prefeituras, estatais regionais e alguns Estados simplesmente não sabem fazer um projeto, vide os dinheiros de fundos internacionais que morrem no caixa por falta de gerência. Terceiro, obras e rotina de manutenção da oferta de infra-estrutura, em si, não aceleram crescimento - impedem ruínas e regressão. Mais essencial é criar condições econômicas e institucionais para que o investimento desembeste, tanto no setor privado como no Estado.</p> <p>No caso do PACote, de mais importante a esse respeito é o limite de gasto com o funcionalismo, com o INSS e outros problemas fiscais, o que anda mal parado. Ou o problema da governança das estatais, como a Eletrobras, que poderia ser uma indutora do investimento em energia, o</p>

<p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p>	<p>que parece esquecido. Ou a revisão das instituições e das leis ambientais. É nisso que as obras emperram? Ou se trata apenas de picaretagem ou mau planejamento empresarial? E o que está sendo feito do pandemônio das leis tributárias? Das leis de abertura de empresas? O país desempenrou porque ficou mais estável, porque há mais crédito -há muito dinheiro no mundo e os juros são algo mais baixos. Mas crescimento contínuo exige mais. Onde está o plano de criação de "novas Embrapas"? Ou daqui a uma década o país será uma "plantation" de cana, com a bioquímica e as máquinas do negócio sendo feitas alhures? Onde está um corte linear de impostos para empresas? Qual o motivo de não privatizar portos e estradas, além de empregar apaniguados de má catadura? Sim, o Estado tem o que fazer na economia, mas na ponta em que o setor privado não vai por medo, inépcia ou falta de dinheiro. Para isso, falta um PAC.</p> <p>vinit@uol.com.br</p>
<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.525, 9/5/07, Dinheiro, p B4.</p>	

<p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p>	<p>partidas. Se o Santos não fizesse o gol do título nos últimos minutos, toda a ótima campanha do time na primeira fase seria desvalorizada. O Cruzeiro, que recebera mais elogios do que merecia, perdeu em uma semana o título mineiro, a Copa do Brasil, o técnico e a confiança da torcida.</p> <p>O Milan, que tem o pior time dos últimos anos, cresceu nos dois últimos jogos e, principalmente graças ao Kaká, tem grandes chances de ser o campeão da Europa. Há dezenas de outros exemplos de equipes, de técnicos e de jogadores que passam em poucos dias do descrédito à exaltação, ou o contrário. Os resultados e os fatos mudam a cada semana, e a imprensa corre atrás de novas teorias para tentar explicar, muitas vezes, o inexplicável. Nesse fugaz emaranhado, os bons e maus comentários passam a ter quase o mesmo valor. A maioria dos torcedores fica perdida na tentativa de filtrar tantas opiniões e informações. E o espetáculo continua.</p> <p><u>tostao.folha@uol.com.br</u></p>
	<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.525, 9/5/07, Esporte, p. D3.</p>

Movimentos	Texto
M1: identificar o texto	VINICIUS TORRES FREIRE
	<p>Casas mal-assombradas e o PAC Parece haver um boom na construção civil, mais números da indústria de insumos e máquinas do setor declinam</p>
M2: apresentar o fio condutor do texto	<p>AS EMPRESAS reclamam desde o ano passado de escassez de mão-de-obra na construção civil. Em um ano e meio, 14 empresas imobiliárias foram à Bovespa e captaram quase R\$ 10 bilhões, cerca de três quartos disso em investimento estrangeiro. Trata-se pelo menos de um sinal de boas expectativas de rentabilidade do negócio.</p>
M3: desenvolver um balanço dos fatos	<p>Investidores estrangeiros incorporam e compram imóveis. O mercado de títulos imobiliários começa a se desenvolver. Há mais crédito. Os juros caíram. O governo cortou alguns impostos sobre insumos da construção. As vendas de materiais no varejo crescem a 6% anuais. Por fim, o governo prometeu que a engenharia civil seria um motor do PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento. Tudo parece prenunciar um boom na construção. Mas, embora ainda tenha sido de razoáveis 3,3% nos últimos 12 meses, o crescimento da indústria de materiais para a construção civil parece declinar desde novembro passado, segundo dados do IBGE. Ainda mais estranho, o crescimento da indústria de máquinas e equipamentos para o setor parece sofrer uma violenta desaceleração: de um crescimento anualizado da casa dos 30%, do início de 2006, para 5%. Na pesquisa de emprego da FGV-SindusCon, o Sindicato da Indústria da Construção Civil de São Paulo, o emprego formal no setor cresceu 5,9% no primeiro bimestre de 2007 em relação ao mesmo período de 2006, quando já registrara 9,3% mais empregados do que em 2005. Em quais casas fantasmas estariam trabalhando os operários? Na verdade, os operários levantam, sim, mais casas. O emprego cresce menos é no setor de construção de infra-estrutura, no entanto responsável por apenas 6% dos postos de trabalho na área. Ainda assim, o que se passa? A indústria de materiais para a construção civil é variadíssima. Inclui, pela ordem de importância nos cálculos do IBGE, cimento, fios e cabos elétricos, cerâmicas, válvulas e registros, ladrilhos, madeiras, tintas, asfaltos, elevadores. Estaríamos importando privadas? Seria preciso um longo estudo dos dados de importação, que não são costumeiramente abertos nesse nível de detalhe nem agregados para materiais de construção civil.</p>

<p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p>	<p>Em Santos, no domingo, quem quisesse comemorar na praça Independência teria que passar por bloqueios policiais. O pior é que ninguém, inclusive eu, pensou que aquilo fosse uma repressão exagerada. Quem estava lá achava isso necessário e normal, ainda mais depois das comemorações do Brasileiro de 2004, quando houve até um assassinato a pontapés na praça.</p> <p>Certa vez, um professor de jornalismo me disse que ninguém dava bola para o jornalismo policial, mas que ele era importante porque tornava mais claro o estado da sociedade brasileira, coisa que as editorias de política e economia demoravam a ver. Na época, achei um exagero. Hoje, penso que ele estava certo. E penso que pela editoria de Esporte também se pode fazer um diagnóstico do país. Um diagnóstico que mostra que o que mais mudou no futebol brasileiro foi o brasileiro.</p> <p><u>torero@uol.com.br</u></p>
	<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.526, 10/5/07, Esporte, p. D3.</p>

<p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p>	<p>da renda vai para o 1% mais rico. Mas, para a maioria deles, o governo não deveria tentar conter o processo. Fecha parêntese.</p> <p>Blogueiros econômicos dos EUA, economistas de banco e "analistas" de mercado divertem-se com os nomes da temporada de desaceleração.</p> <p>Brincam com nomes, pois, dada a dispersão de previsões, há muita gente ignorante do que se passa (ainda assim ganhando milhões inéditos até em Wall Street). Depois da ressuscitação absurda do termo "estagflação" (a inflação alta e o PIB muito baixo do final dos 70 e início dos 80) veio a "staglite" ("estagnaçãozita"), expressões que sucederam o cenário "goldilocks" (economia morna). Agora, aparece a "slowflation", estagflação suave. Quem está na festa das Bolsas aproveitou o corcoveio numerológico dos indicadores e faturou ganhos de dois meses de euforia. Mas que ninguém procure razões econômicas nessa doideira.</p> <p><u>vinit@uol.com.br</u></p>
	<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.527, 11/5/07, Dinheiro, p. B4.</p>

<p>M5: perspectivar o futuro</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p>	<p>desprezar qualquer outro torneio, esquecendo que sem o Brasileiro não tem nem mesmo o sonho da América de novo. Não, amigo, não acho, ao contrário do corvo, que o maior adversário do São Paulo seja a soberba. Sim, tem muita gente lá de nariz nos ares, achando que o triunfo é quase automático, burocratas sempre a arrotar a palavra "planejamento" como quem grita um Shazam histérico. Ora, não é nenhum demérito ser eliminado pelo Grêmio, o time das causas impossíveis, ainda mais no Olímpico, onde futebol-arte, como diz Eduardo Bueno, no seu livro "Nada pode ser maior" (Ediouro/ coleção Camisa 13), é coisa de veado. É, amigo são-paulino, agora é dançar a triste milonga do adiós à Libertadores e espantar o frio com bons tragos na taberna dos que se despedem mais cedo. "Já vai tarde", grasna o diabo do corvo aqui no meu ombro a bicar, ele mesmo, o ponto final deste epitáfio no teclado.</p> <p>xico.folha@uol.com.br</p>
<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.527, 11/5/07, Esporte, p. D3.</p>	

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p>	<p>WALTER CENEVIVA</p> <p>Roberto Carlos x Solrac Otrebor</p> <p>Quanto às biografias, Roberto Carlos parece não querer que uma só delas frutifique. Tem esse direito? Não, não tem</p> <p>NÃO TINHA INTENÇÃO de comentar a apreensão da biografia de Roberto Carlos. Mudei a posição, depois de ler Paulo Coelho, nesta Folha, sobre o assunto. No artigo, o autor se refere criticamente à editora por ter aceito a ofensa à liberdade de manifestação no acordo feito em juízo. A questão antes era constitucional, referente ao cerceamento do direito de expressão. Passou a ser comercial, com o recuo assustado da empresa. A matéria merece atenção quando se ache em jogo um dos direitos individuais mais importantes, o da livre expressão, em especial se contraposto ao da inviolabilidade da honra da pessoa e de sua imagem. Lendo, porém, além de Paulo Coelho, o editorial da Folha sobre o mesmo assunto, recolhi dados novos. Verifiquei que a biografia publicada não envolve informação desairosa sobre o cantor, que nem se queixou disso. Enuncia fatos, compatíveis com a importância histórica do artista, a contar dos anos 60 do século passado. Percorrendo o fio da navalha que separa as duas liberdades, lembro a distinção particular cabível no tema da pessoa pública. Assim se denomina o ser humano que, por atuação política, artística, esportiva ou de outra espécie de popularidade reconhecida, desperta interesse permanente na comunidade pelos fatos de seu dia-a-dia. Não se confunde com o comum homem do povo, apenas conhecido dos que lhe são próximos, para quem é pleno o direito de ser deixado só.</p> <p>Roberto Carlos está no mundo artístico, com merecido destaque, há mais de 40 anos. Onde for, terá apenas intimidade relativa. Seus atos interessam a grande parte das pessoas, não havendo como limitar a difusão. Nesse caso, o direito da privacidade entra em xeque, preponderante o da livre informação, quando não viole a honra do atingido. Quanto mais expressivo o realce da pessoa pública, também será reclamada a conveniência e a oportunidade da informação a respeito. Por maiores que sejam os méritos ou a fortuna de Roberto Carlos, melhores os valores de suas letras e composições -algumas das quais com fortes emoções religiosas-, é evidente que ele não tem direito de impedir a exposição pública que foi o norte para o qual voltou sua existência. Em se tratando de biografias, Roberto Carlos</p>

M5: perspectivar o futuro	<p>parece não querer que uma só delas frutifique. Tem esse direito? Não. Não tem. No passado, houve tentativas escandalosas, ao que parece, de cuidar da vida do cantor. Fez bem em repeli-las. No caso recente, porém, a editora se acovardou, segundo entendi do texto de Paulo Coelho. Aceitou a censura, abandonando o direito de biografar o compositor -direito relevante para a memória histórica de um intérprete aplaudido da música nacional. A relação contratual assumida pela editora, no último caso, está resolvida.</p> <p>Reaberto o cenário constitucional, havendo quem queira levar a disputa à frente no futuro, a recusa do cantor a qualquer análise biográfica dará ensejo ao reverso da moeda. O Roberto popular confrontará o Roberto recluso. Alterar-se-ão as posições, na busca do justo equilíbrio. O direito é a coordenação das relações interpessoais. Coordenação que não se confunde com o mero capricho de censura, sob desculpa de intimidade.</p>
	Folha de S. Paulo, edição n. 28.528, 12/5/07, Cotidiano, p. C2.

Movimentos	Texto
M1: identificar o texto	JOSÉ GERALDO COUTO
M2: apresentar o fio condutor do texto	<p>São tantas emoções</p> <p>Após as finais estaduais e os mata-matas da Copa do Brasil e da Libertadores, o Nacional começa como anticlímax</p>
M3: desenvolver um balanço dos fatos	<p>COMO DIRIA aquele cantor que censurou o livro sobre sua vida, são tantas emoções... Para quem ama futebol e não torce para nenhum dos clubes derrotados, a semana que passou foi um banquete: logo após as finais estaduais, vieram mata-matas de matar na Libertadores e na Copa do Brasil. Houve até uma certa lei da compensação. O Botafogo carioca, perdedor do seu Estadual, seguiu em frente na Copa do Brasil, desclassificando o Atlético, por sua vez recém-sagrado campeão mineiro. E o Flamengo, depois de conquistar o Estadual do Rio, morreu na praia da Libertadores. A semana só foi de triunfo absoluto para Santos e Grêmio, que, além de virarem campeões de seus Estados, seguem vivos no torneio continental. Primeiro, a aldeia. Depois, quem sabe, a América e o mundo. No "day after" dessas decisões eletrizantes, o Brasileirão começa hoje como uma espécie de anticlímax. Simbolicamente, seu jogo de abertura, entre o São Paulo, atual campeão nacional, e o Goiás, ocorrerá num Morumbi fechado ao público. Mais broxante impossível, como bem notou Juca Kfoury em seu blog. É difícil dizer quais são os favoritos ao título deste ano. Santos e Grêmio, pelo que fizeram até agora e pela consistência de suas equipes, são apostas óbvias. Botafogo, Atlético-MG, Cruzeiro, Flamengo e uns poucos outros podem surpreender. O São Paulo, que começou o ano tão bem, rateou depois nos momentos decisivos e agora é uma incógnita. Para além da imprevisibilidade habitual do futebol, a dificuldade de antever como se desenvolverá o Brasileirão tem a ver com a fragilidade dos nossos clubes e do nosso mercado. Lucas, do Grêmio, vai para o Liverpool. Zé Roberto, do Santos, interessa a uma porção de clubes europeus. Sem eles, seus times não serão os mesmos. E isso vale para dezenas de outras transações que deverão ocorrer no meio do ano, quando termina a temporada européia. Haverá prováveis repatriações, que dificilmente compensarão as perdas. Um caso como o de Zé Roberto, que voltou para brilhar, é cada vez mais raro.</p>
M4: apresentar uma interpretação dos fatos	<p>Enfim, após um momento de efervescência, voltamos à vacafria da rotina de país periférico e exportador de matéria-prima. O Pan-Americano do Rio deve contribuir ainda mais para ofuscar o Brasileirão. Pelo menos até as rodadas finais, ou até que um grande escândalo de arbitragem, doping ou violência entre torcidas volte a</p>
M5: perspectivar o futuro	

M7: apresentar dados de contato	sacudir a poeira. <u>jgcouto@uol.com.br</u>
	Folha de S. Paulo, edição n. 28.528, 12/5/07, Esporte, p. D7.

Movimentos	Texto
<p data-bbox="245 277 555 309">M1: identificar o texto</p> <p data-bbox="245 423 512 490">M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p data-bbox="245 680 564 748">M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p>	<p data-bbox="617 277 927 309">JANIO DE FREITAS</p> <p data-bbox="617 349 927 380">O maior país de festas</p> <p data-bbox="617 423 1422 1442">AS TANTAS citações, nos últimos dias, do Brasil como "o maior país católico do mundo" perderam, mais uma vez, a oportunidade do acréscimo necessário: o maior país de católicos que não praticam o catolicismo. Os praticantes de fato são em número que, mesmo sem considerarmos a imensidão populacional brasileira, não leva grande vantagem sobre outros países também ditos católicos. A dificuldade de compreender ou lidar com esse catolicismo tem vencido, no Brasil, a cruzada de João Paulo 2º e, agora, de Bento 16 contra o legado modernizador da Igreja Católica empreendido por João 23. Mas, apesar de nem ao menos atenuarem o crescimento avassalador dos evangélicos, as visitas papais constituem festas, aparentemente festas de devoção, com grandiosidade popular fenomenal. Não é contraditório que assim seja. Incontáveis entrevistas dos peregrinos atraídos pela presença do papa, de muitos dos emocionados até às lágrimas e, inclusive, da própria personagem central do que seria um milagre de frei Galvão, invalidaram a hipótese de que ali as multidões fossem de praticantes de fato. Em provável e ampla maioria, católicos à brasileira. A nova evidência da relação que os católicos brasileiros mantêm com o catolicismo me sugeriu o plano do mais terreno, por exemplo e para não negar a regra, a violência urbana e suas vítimas. São brasileiramente idênticas as práticas do catolicismo aparente e as aparências de ação da sociedade contra a violência.</p> <p data-bbox="617 1451 1422 2069">Nestas também não há ação e integração efetivas, ninguém faz mais do que reclamar. A reclamação coletiva contra a violência tem, necessariamente, algum tempero lúdico, festivo, digamos, um "lazer participativo". Pessoas deitadas, paralelas, no calçadão de Copacabana, a pretexto de simbolizarem as vítimas inocentes da violência armada. Uma "instalação" humana. Ou, em número semelhante, cruces enfileiradas na areia. E daí? Daí, nada. Ou melhor, daí temos mais desfiles de faixas reclamantes e de camisetas que disputam em originalidade de dizeres ou imagens. São, sim, desfiles de protesto – mas sempre na praia, em dia com a moda, porque depois é cada um se procurar nas primeiras páginas e na TV em plena e dignificante ação contra a violência. Em meio a tanta brasilidade, os pais do menino João Hélio só poderiam mesmo ver-se criticados, em jornal e TV, por seu gesto digno de proibir a imagem</p>

	<p>do filho em camisetas comercializadas para mais desfiles praieiros. Este registro acariocado se explica em razão da preferência desfrutada pelo Rio, nos meios de comunicação, quando se trata de crime, outras violências e demais formas de decomposição social. Mas, assim como a degradação, as aparências de ação da sociedade contra a violência estão disseminadas pelo país. Com duas diferenças em relação ao Rio: têm frequência e expressão ainda menor e, em geral, não compõem a elegância um tanto cômica dos calçadões de praia. Tudo no Brasil há de ser festivo, ou não acontece. Porque a festa é o que importa.</p> <p>Está aí o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, protestando porque a imprensa destacou mais a baderna feroz gerada na tal Virada de música e rock, promovida pela prefeitura, do que reportou a festa. Promover festas desse tipo só é função de prefeituras, e seus cofres, no Brasil. O que importa é a festa.</p> <p>A violência variada, a desordem das cidades, o caos social, tudo isso não apenas motiva festas, como é parte delas. Os brasileiros têm a ressaca que merecem.</p>
	Folha de S. Paulo, edição n. 28.529, 13/5/07, Brasil, p. A9.

<p>M5: perspectivar o futuro</p> <p>M8: apresentar credenciais</p>	<p>extensão do Estado de Sergipe.</p> <p>O Brasil teria tudo para ser uma potência ambiental – aliás, a única área em que nossa aspiração a potência é realista. Temos a maior floresta tropical do planeta, um dos principais reservatórios de água doce, biodiversidade riquíssima, equação energética limpa e a melhor experiência em biocombustível. Em vez disso, 75% das emissões que nos tornaram o quarto maior emissor de CO2 vêm das queimadas e apenas os 25% restantes vêm do setor moderno que impulsiona o crescimento, o que prova a falsidade do argumento desenvolvimentista. Reféns de incendiários e devastadores, somos incapazes de assumir liderança moral e pró-ativa de negociações de futuro Protocolo de Kyoto que salve a Terra da destruição e contribua para defender nosso próprio patrimônio. Não compreendemos que a alternativa desenvolvimento ou redução das emissões não existe porque não haverá o que desenvolver num planeta tórrido e semimorto.</p> <p>Se o pior acontecer, serão nossos descendentes aqui, não em Londres, que verão a Amazônia virar fumaça, o sertão se converter em novo deserto do Saara e as galerias de Copacabana se tornarem tocas de polvos e meros, como profetizou Rubem Braga em 1958.</p> <p>RUBENS RICUPERO, 70, diretor da Faculdade de Economia da Faap e do Instituto Fernand Braudel de São Paulo, foi secretário-geral da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) e ministro da Fazenda (governo Itamar Franco). Escreve quinzenalmente, aos domingos, nesta coluna.</p>
	<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.529, 13/5/07, Dinheiro, p. B2.</p>

Movimentos	Texto
<p data-bbox="245 277 555 309">M1: identificar o texto</p> <p data-bbox="245 499 507 566">M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p data-bbox="245 790 528 857">M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p data-bbox="245 1597 539 1664">M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p data-bbox="245 1709 507 1776">M5: perspectivar o futuro</p>	<p data-bbox="624 277 1042 309">VINICIUS TORRES FREIRE</p> <p data-bbox="624 353 1106 385">Política do dinheiro grosso e Lula 2</p> <p data-bbox="624 430 1422 497">Governo e Estados negociam aumento de dívida, que está longe de chegar aos R\$ 140 bilhões alardeados por aí</p> <p data-bbox="624 497 1422 1594">O "MERCADO" FAZ lobby para reduzir a meta de inflação e os compulsórios (dinheiro que os bancos têm de deixar parado no Banco Central). Medidas nem de longe prioritárias, que tendem a aumentar o risco de gastos adicionais com juros, quando o problema central é o excesso de gasto do governo e o baixo nível de investimento público. Além disso, Estados querem fazer mais dívida. Discute-se dinheiro público grosso, e o Congresso se ocupa de Clodovil Hernandez. O debate mais obscuro é o dos Estados. Em vez de um limite de endividamento equivalente à arrecadação anual, querem o dobro. A lei de refinanciamento da dívida estadual estipula que os governos não podem dever mais que o equivalente a sua receita anual. Mas a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) fixou o teto de endividamento em duas vezes a receita anual, embora os conceitos de dívida e receita sejam distintos nas duas leis, o que faz alguma diferença, caso a caso estadual. Os Estados querem se enquadrar na LRF. Diz-se que o impacto da mudança de critério "pode chegar" a R\$ 140 bilhões (de dívida extra). Tal conta parece simplória. Considera a soma de dívida e receita de todos os Estados. Mas Estados não arrecadam ou se endividam em conjunto. Vários Estados em tese já podem fazer mais dívida, se o critério é a relação dívida/receita (devem menos que arrecadam por ano). Outros não poderiam fazê-lo nem pelo novo limite (Rio Grande do Sul e Alagoas). Além do mais, a dívida não seria feita de pronto: não haveria tanto crédito imediato, é preciso que alguém se disponha a emprestar aos Estados e que a União autorize o débito.</p> <p data-bbox="624 1594 1422 1706">O assunto deve interessar mesmo a 10 Estados que devem de uma vez a duas vezes a sua receita (vide gráfico ao lado). A conta então cairia de R\$ 140 bilhões para uns R\$ 46 bilhões.</p> <p data-bbox="624 1706 1422 2067">Problemas? Talvez desmoralizar a lei de refinanciamento e a LRF; permitir que governos mambembes estourem suas contas. E mais dívida e gastos reduzem o superávit primário do setor público: se Estados poupam menos, o governo federal teria de compensar a despesa extra. Vantagens? Alguns governos, talvez São Paulo, Minas e Bahia, podem gastar melhor que o governo federal; os Estados estão muito amarrados. Liberar um pouco mais de crédito pode ainda permitir que governos, na prática, refinanciem a dívida. Isto é, caso consigam tomar</p>

M7: apresentar dados de contato	<p>empréstimos a juros menores que os devidos ao governo federal. A política do caso é curiosa. Na hipótese de vingar o novo limite de dívida, Lula como que abriria uma linha de crédito de até R\$ 6,7 bilhões para José Serra (PSDB-SP), de R\$ 2,4 bilhões para Aécio Neves (PSDB-MG). E de R\$ 11,1 bilhões para Jaques Wagner (PT-BA). A política luliana tem sido de "pacificação" política geral e de favores setoriais para empresas e partidos. O que Lula 2 estaria cozinhando?</p> <p>vinit@uol.com.br</p>
	Folha de S. Paulo, edição n. 28.529, 13/5/07, Dinheiro, p. B4.

Movimentos	Texto
M1: identificar o texto	GILBERTO DIMENSTEIN
	<p>O massacre dos inocentes</p> <p>Deveríamos olhar com mais atenção para doenças que podem produzir marginais e alunos incapazes de aprender</p>
M2: apresentar o fio condutor do texto	SE SEU filho ou aluno é esperto, mas tem muita dificuldade de aprender, preste atenção a estas estatísticas de associações psiquiátricas: entre 5% e 17% dos brasileiros sofrem de dislexia, perturbação na aprendizagem da leitura que leva a pessoa a embaralhar letras e números; pelo menos 7% têm, em algum nível, distúrbio de atenção e hiperatividade.
M3: desenvolver um balanço dos fatos	<p>Essas porcentagens se traduzem em crianças e adolescentes abatidos em sua auto-estima, marginalizados, chamados de "burros" por pais e professores. Ou, pior, transformados em assassinos, traficantes ou assaltantes. Investigações em várias partes do mundo detectam alta incidência de presos com histórico de distúrbios neurológicos que dificultam a aprendizagem. Em Londres, estima-se que 50% da população carcerária sofra ou tenha sofrido desses distúrbios. O psiquiatra Arnaldo de Castro Palma entrevistou detentos de Curitiba e concluiu que 65% deles apresentavam doenças associadas à dificuldade de aprender. Neste momento, o Instituto de Psiquiatria da USP está avaliando 5.000 internos da Fundação da Casa (antiga Febem). A julgar pelas informações preliminares, os pesquisadores encontrarão resultados preocupantes. Isso significa que essas doenças levam ao crime? Obviamente, não. Se fosse assim, homens como Walt Disney, Einstein, Thomas Edison, Steven Spielberg, Louis Pasteur, apresentados em livros e congressos médicos como portadores de distúrbio de atenção, teriam sido improdutivos. Já que o país está cada vez mais preocupado com os estereótipos indicadores de violência e de educação, deveríamos olhar com mais atenção para doenças que podem produzir marginais e alunos incapazes de aprender. Suponhamos que os problemas psicológicos, incluindo não só os distúrbios de atenção, a hiperatividade e a dislexia mas também a depressão e a ansiedade, atinjam 20% dos estudantes. Qualquer psiquiatra diria que eu estou sendo demasiadamente otimista, mas deixemos assim. Suponhamos também que, como indicam muitas pesquisas científicas, 30% deles tenham verminoses, asma crônica, rinite alérgica, anemia por falta de ferro, deficiências visuais e olfativas. Mais uma vez, estou sendo otimista na porcentagem. Só os problemas respiratórios, como a asma,</p>
M4: apresentar uma interpretação dos fatos	

<p>M9: apresentar informação extra</p> <p>M7: apresentar dados de contato</p>	<p>atingem mais de 15% dessa população. Na melhor das hipóteses, temos o seguinte: para cada dez estudantes, três terão dificuldades de aprender por causa não do professor ou da qualidade de ensino, mas de uma deficiência física ou psicológica. Os filhos de famílias mais ricas, quando apresentam problemas de aprendizado, recebem tratamento médico e psicológico, além de aulas de reforço com professores particulares. Em geral, os colégios de elite são compreensivos e os ajudam a prosperar, entendendo o seu ritmo; os estudantes que, ainda assim, não conseguem acompanhar o ritmo das aulas mudam de escola antes da repetência. Em sua maioria, eles amadurecem, descobrem um talento e, graças a todo esse apoio, aprendem a se virar sozinhos. Já os mais pobres vão se degradando nas suas doenças e entram num círculo vicioso: não conseguem reter a informação, são desprezados, perdem a autoconfiança e passam a acreditar que são mesmo "burros". Estudam em salas superlotadas, com professores desmotivados, que desenvolvem um currículo sem a menor conexão com o cotidiano. São poucas horas de aula, sem direito a reforço. A terapia encontrada para ajudá-los é fazê-los repetir o ano; pais e professores das crianças se unem para dar uma "lição" aos vagabundos. Maria Mônica Bianchini, uma das pesquisadoras do Instituto de Psiquiatria da USP na Fundação Casa, afirma: "A baixa auto-estima pode significar abuso de drogas e álcool". Gera-se mais um círculo vicioso – muita droga, pouca atenção. Isso não quer dizer que eles entrem necessariamente no crime, mas o fato é que recebem poucos estímulos para serem produtivos. Dependendo do lugar em que vivam e da família que tenham, o risco de delinquência é gigantesco. É, em poucas palavras, um massacre de inocentes. Prepara-se, assim, o campo para o surgimento dos analfabetos funcionais ou dos criminosos – ou das duas coisas juntas. A pesquisa do psiquiatra Arnaldo de Castro Palma mostra que, em Curitiba, 80% dos presos são analfabetos funcionais, uma quantidade igual à dos que apresentam distúrbios de aprendizagem como dislexia, déficit de atenção e hiperatividade. Não é possível, assim, confiar na consistência de nenhum, rigorosamente nenhum, projeto de melhoria de ensino e de segurança que não leve em conta as questões da saúde psicológica e física no aprendizado.</p> <p>PS - Coloquei em meu site (www.dimenstein.com.br) uma pesquisa sobre distúrbios de aprendizagem, com testes que ajudam a detectar alguns sintomas de doenças neurológicas. É mais simples do que se imagina.</p> <p>gdimen@uol.com.br</p>
<p>Folha de S. Paulo, edição n. 28.529, 13/5/07, Cotidiano, p. C11.</p>	

Movimentos	Texto
<p data-bbox="225 282 536 315">M1: identificar o texto</p> <p data-bbox="225 539 491 607">M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p data-bbox="225 645 512 712">M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p data-bbox="225 902 520 969">M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p data-bbox="225 1749 491 1816">M5: perspectivar o futuro</p>	<p data-bbox="603 282 826 315">JUCA KFOURI</p> <p data-bbox="603 353 1058 387">Começou. Mas quase em segredo</p> <p data-bbox="603 425 1407 492">O Campeonato Brasileiro de 2007 começou ontem à noite, meio clandestinamente, como um filho enjeitado</p> <p data-bbox="603 530 1407 2031">O CAMPEONATO Brasileiro começou ontem. E às 18h10. Sem nenhuma pompa ou circunstância, como sempre, porque a CBF o trata como mera obrigação, nada que mereça promoção. E começou com o campeão de 2006 em seu estádio, com portões fechados. Nada mais estimulante. Abrir o principal torneio do país pentacampeão mundial com um jogo no Mineirão, no domingo, às 16h, entre os campeões das séries A e B, com alguma solenidade, mataria a cartolagem pelo esforço de criatividade, como parece ter matado depois que Grêmio e Corinthians fizeram a abertura em 2006. Mas deixa para lá. É chover no molhado, porque todo ano é assim e não adianta. Esforço de criatividade, também, é o que os torcedores exigem dos colunistas, sempre provocados a apontar os favoritos ao título e ao rebaixamento antes de os campeonatos começarem. Exercício tão corriqueiro como inútil, daqueles que mesclam obviedades com chutes que passam longe do gol. No ano passado, por exemplo, o Corinthians era apontado como candidato ao bicampeonato. Foi o que se viu. Por pouco não caiu. Hoje deve estar entre os candidatos ao rebaixamento. Vai ver, as contratações por atacado dão certo e o time até surpreende, por mais que nada indique. Dizer que Santos, São Paulo, Grêmio e Botafogo são os times que pintam como os que lutarão por vagas na Libertadores e pelo título também é sangrar em saúde. Hemorragia semelhante é apontar os times do Nordeste como os principais candidatos à degola. Fato é que não temos nenhum time dos sonhos. E, pior, temos pelo menos a metade dos 20 concorrentes em fase de transição, ou com técnicos novos ou ainda em formação de elenco, quando não as duas coisas ao mesmo tempo. Prova de que os campeonatos estaduais não serviram nem como preparação, porque como parâmetros de avaliação técnica não servem já faz tempo. O que se pode prever é mais um campeonato equilibrado e sem que o torcedor tenha o tratamento que merece, cada vez mais estimulado a ficar em casa e ver pela TV, porque também para o desconforto, desde a simples compra de ingressos até o medo de violência, a CBF se faz de cega, muda e surda. Ainda mais agora, preocupada em mostrar ao mundo um país que não existe na Copa de 2014.</p>

M7: apresentar dados de contato	<u>blogdojuca@uol.com.br</u>
	Folha de S. Paulo, edição n. 28.529, 13/5/07, Esporte, P. D4.

Movimentos	Texto
<p>M1: identificar o texto</p> <p>M2: apresentar o fio condutor do texto</p> <p>M3: desenvolver um balanço dos fatos</p> <p>M4: apresentar uma interpretação dos fatos</p> <p>M5: perspectivar o futuro</p>	<p>BIA ABRAMO</p> <p>Passado e oculto fazem a festa às 18h</p> <p>A dobradinha temas sobrenaturais e “novela de época” se fixou como nicho da novela das seis</p> <p>SAEM OS fantasminhas camaradas de "O Profeta", entram bruxas ruivas em "Eterna Magia". Nosso mago de plantão, Paulo Coelho, participa como ator, no papel de um mago celta, e empresta sua credibilidade de expert no oculto para a trama. A se acreditar numa leitura muito corrente da mitologia celta, a Irlanda pré-medieval era povoada por feiticeiras profeministas e devotas da natureza. O acerto aí é duplo: o tema do fortalecimento feminino está no ar, como o murmúrio ecológico. A dobradinha temas sobrenaturais e "novela de época" se fixou, de fato, como o nicho da novela das seis. O tempo remoto garante uma espécie de leveza que parece impossível numa novela contemporânea – a não ser na forma de humor e deboche, como é o caso das produções do horário das 19h. Se, por um lado, parece ser preciso tratar, nas novelas passadas nos tempos atuais, de assuntos complicados que estejam na ordem do dia (e suscitem algum tipo de polêmica), as de época estão mais ou menos livres para exagerar nos clichês românticos e na ingenuidade. Da mesma maneira, ao colocar as crenças no sobrenatural –quaisquer que sejam, de fundo mais ou menos religioso ou simplesmente derivadas de uma vontade de acreditar em explicações não-rationais – no centro das tramas, aposta-se numa espécie de vale-tudo irrealista, que deve, de alguma maneira, servir como conforto escapista. "O Profeta", nesse sentido, foi exemplar. Com história situada numa rósea e pouco rebelde década de 50 e espiritismo light, além de protagonistas lindos e loiros, funcionou tão bem que a nova das seis, "Eterna Magia", vai ter que contar com os nomes de Malu Mader e Thiago Lacerda e as artes de Paulo Coelho para manter a bola em jogo. Se "Paraíso Tropical" sofre de uma espécie de embotamento da inteligência ao tratar das questões amorosas, "Vidas Opostas" carrega nas tintas da perversidade nesse tema. Parece que nenhum autor de novela acordou para o fato de que as relações amorosas se complicaram, não por conta de um mal externo. O amor imorredouro, impoluto e disposto a enfrentar qualquer obstáculo que acomete os pares românticos tornou-se uma espécie de loucura a dois, desencantada e neurótica, na qual os impedimentos vêm antes de dentro do que de fora. Se mesmo as novelas mais corajosas, e essas duas, cada uma a seu modo, são, não tomarem pé do estado das coisas nesse terreno, vão</p>

M7: apresentar dados de contato	continuar marcando passo. <u>biaabramo.tv@uol.com.br</u>
	Folha de S. Paulo, edição n. 28.529, 13/5/07, Ilustrada, p. E10.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)